



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**BAIANAS DE ESCOLAS DE SAMBA: NARRATIVAS
CARNAVALESCAS E CORPO COMUNICACIONAL**

LÍLIAN ANDRADE DURÃES

RIO DE JANEIRO

2018

LÍLIAN ANDRADE DURÃES

**BAIANAS DE ESCOLAS DE SAMBA: NARRATIVAS CARNA-
VALESCAS E CORPO COMUNICACIONAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marialva Carlos Barbosa

RIO DE JANEIRO

2018

DURÃES, LÍlian Andrade.

Baianas de escolas de samba: narrativas carnavalescas e corpo comunicacional / Lílian Andrade Durães. – Rio de Janeiro, 2018.

57 f.

Monografia (Graduação em comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa.

1. Baianas. 2. Escolas de Samba. 3. Memória. 4. Corpo.
5. Comunicação. I. DURÃES, Lílian Andrade. II. Baianas de escolas de samba: narrativas carnavalescas e corpo comunicacional.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Baianas de escolas de samba: narrativas carnavalescas e corpo comunicacional**, elaborada por Lílian Andrade Durães.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 09/07/2018

Grau:

Comissão Examinadora:

Profa. Dr^a. Marialva Carlos Barbosa - Orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dr^a. Ana Paula Goulart Ribeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dr^a. Patrícia Cardoso D'Abreu
Universidade Federal Fluminense/Centro Universitário Carioca

RIO DE JANEIRO

2018

Dedico este trabalho à memória de Claudina e
Maria de Lourdes, minhas avós.

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grata a todos aqueles, que próximos ou mais distantes, colaboraram para que este trabalho se concretizasse.

À minha família por não medir esforços para que eu pudesse chegar até aqui. Ao meu pai, Walter, meu maior tiete, meu companheiro de entrevistas e quem me levou, desde bem pequena, aos ensaios da Mocidade. À minha mãe, Nilcia, que nos meus primeiros anos de idade me incentivou a tomar gosto pela leitura e pela escrita, que segurou minha mão quando aprendi a escrever minhas primeiras palavras, e que me ensinou o valor de manter vivas as memórias daqueles que amamos e admiramos. À minha irmã, Aline, que à sua maneira, sempre foi, e será, minha companheira de vida.

À professora Marialva Barbosa, minha orientadora nesta pesquisa, por me apoiar e me guiar com sua simplicidade encantadora. À Maria Lívia Roriz Aguiar, minha coorientadora, por toda a compreensão, paciência, generosidade, e pelas conversas tranquilizadoras. À professora Patrícia D'Abreu, um dos presentes que a Eco me deu, sempre me incentivando e me encorajando nas atividades acadêmicas, e que me ajudou a escolher o tema desta monografia. Aos pesquisadores do grupo Nepcom/UFRJ, em especial aos professores Ana Paula Goulart e Igor Sacramento, por me receberem com tanto afeto nas atividades do grupo.

Aos amigos, que compartilharam comigo as dores e as delícias da vida acadêmica. Inclusive a quem, mesmo chegando já na fase final, ainda assim se esforçou para me apoiar no que fosse possível.

À Lusiana Gerzson, Raquel Del Giudice e Regina, por me ajudarem a lidar com meus medos, e ter coragem de ir além.

E à Tia Nilda, Tia Edméia e Tia Eliane, e os demais componentes da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, que me receberam tão afetuosamente, e se dispuseram a colaborar no que fosse preciso.

“Da palma das mãos de tia Ciata às síncopes da bossa-nova, o coração, com seu pulso binário, marca todos os tempos do samba.”

(Djalma Corrêa)

“Um povo sem memória é um povo que não existe.”

(Alexandre Tomé)

DURÃES, Lílian Andrade. **Baianas de escolas de samba: narrativas carnavalescas e corpo comunicacional**. Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O presente estudo analisa as baianas das escolas de samba do Rio de Janeiro, procurando mostrar as equivalências identitárias das tias baianas das escolas de hoje com as mulheres negras que migraram da Bahia para o Rio de Janeiro no final do século XIX, procurando nessa abordagem evidenciar traços de uma continuidade histórica. Estas mulheres ajudaram a reconfigurar as estruturas familiares e afetivas e, assim, estimular uma ressignificação do local onde viviam em grande parte - a Praça Onze - criando identidade também a partir da memória de suas heranças africanas, o que também se materializou no samba, enquanto forma de manifestação cultural popular. Propomos, portanto, uma reflexão sobre narrativas carnavalescas como práticas de comunicação, a partir da análise da Ala das Baianas, enfocando de maneira particular a Ala das Baianas da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel. Como metodologia, além da pesquisa bibliográfica para traçar o cenário histórico do percurso das baianas no samba carioca, a monografia também utilizou a observação da atuação das baianas na quadra dessa Escola de Samba e realizou entrevistas com algumas dessas personagens de forma a compreender a profunda relação do corpo da baiana como ação e reação comunicacional num universo de expressões complexas.

Palavras-chave: baianas; escolas de samba; memória; corpo; comunicação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CARNAVAL E AS BAIANAS	15
2.1 - Da Bahia se fez a “Pequena África no Rio”	15
2.1.1 - Marginalização	16
2.2 - Praça Onze, berço do samba	18
2.3 - Tias baianas, mães do samba carioca	19
3. AS BAIANAS DAS ESCOLAS DE SAMBA	25
3.1 - A institucionalização dos desfiles	25
3.2 - Ala das baianas: mimese das baianas da Pequena África.....	28
3.2.1 - A origem da indumentária da negra baiana	29
3.2.2 - A configuração atual das baianas	31
3.3 - Como desfilam as alas das baianas atualmente	32
3.4 - Tradição e memória: manutenção da imagem das tias baianas	33
4. BAIANAS DA MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL	37
4.1 - A criação e rápida ascensão da agremiação	37
4.2 - As baianas em ação	38
4.2.1 - Feijoada Verde e Branca.....	38
4.2.2 - Festival do Refrigerante.....	40
4.3 - Ser baiana	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
7. ANEXO I	52

1. INTRODUÇÃO

Um dos pilares na construção da identidade cultural carioca, o samba é visto muitas vezes pelo senso comum como sendo um lugar predominantemente ocupado por homens. Em segundo plano, as mulheres são prioritariamente colocadas no posto de “mulatas sambistas”, com um viés hiperssexualizado, e importância coadjuvante. Esses lugares são ocupados, em grande parte, por pessoas negras. Entretanto, é inegável o protagonismo histórico das “Tias baianas” na formação e construção da narrativa de tradição das escolas de samba. Ao longo do tempo, a imagem das senhoras prendadas, cultuadas cozinheiras, e figuras de máximo respeito dentro das comunidades – denominação da relação comunitária da qual partilham os moradores da região onde surgiu a agremiação e seus integrantes – tornou-se também uma narrativa importante para a caracterização do samba. Tradições que, em sinal de respeito à história, devem ser mantidas, como as vestimentas típicas, a liderança em eventos onde a comida tem lugar de destaque e a reverência dos demais componentes são símbolos da aurora de uma festividade envolvida pelo ritmo ao qual suas ancestrais deram origem.

O samba eclodiu no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e o início do século XX, com o grande fluxo de negros vindos da Bahia, que se instalavam na região portuária e outros pontos do centro da cidade, como Gamboa, Saúde, Cidade Nova e Praça Onze. Este último ficou conhecido como o reduto das rodas de samba, pois era lá que ficava a mais notória das casas a promover as celebrações, a casa de Hilária Batista de Almeida. Tia Ciata, como ficou conhecida, foi a mais famosa entre as Tias baianas. Sambista, mãe-de-santo e quituteira, vendia doces em uma banca na Rua Sete de Setembro, com as vestes típicas de baiana, e promovia as festas religiosas de candomblé, e também as profanas, onde os filhos de outras baianas da região se juntavam para tocar e cantar samba. Foi onde se formou a “Pequena África”, termo criado pelo compositor Heitor dos Prazeres em referência ao local onde aconteciam as festas. A casa de Tia Ciata era ponto imprescindível de passagem dos ranchos, blocos e cordões no percurso do desfile. (MOURA, 1995)

Tia Ciata foi uma matriarca que, assim como tantas outras baianas de sua época, abria sua casa para a realização das rodas de samba, organizava a comida e liderava os cultos religiosos nas festas de candomblé, atividades marginalizadas e perseguidas com violência pela polícia. “Pelo telefone”, samba de autoria de Donga, filho de Tia Amélia, e o primeiro samba a ser gravado no Brasil, foi criado em uma das festas na casa de Ciata. Sua figura fundamentou

toda a reverência dedicada até os dias atuais às senhoras que cultuam esses costumes nas escolas de samba.

A ala das baianas embora não seja um quesito de julgamento no Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, mantém-se com destaque no desfile como forma de homenagear e manter viva a memória das mulheres que ajudaram a conceber as festividades que deram origem ao espetáculo, assim como a história e as raízes da agremiação que representam. As fantasias, que são incluídas na contagem de pontos para o quesito Fantasias, devem obedecer à tradição de respeitar a identidade das roupas das baianas. Saias longas e exageradamente rodadas, cobertas por uma bata, pano da costa e adereço de cabeça permanecem acima das inovações carnavalescas e das características do que suas fantasias da ala representam, de acordo com o enredo. Outro aspecto da ala, que conta pontos para o quesito Evolução, é o rodopiar das componentes. As baianas devem girar com leveza, em sintonia, e mantendo a movimentação por todo o desfile.

Outra forma de resgatar a memória das festividades que transformaram a Praça Onze em uma Pequena África no Rio são as tradicionais feijoadas das escolas de samba. Geralmente promovidas uma vez por mês, as feijoadas são grandes eventos realizados nas quadras das escolas, com apresentações de grupos de samba, da bateria da escola, do casal de mestre-sala e porta-bandeira, e com a presença das baianas, donas da festa. As feijoadas recriam o lugar das tias, de organizar o evento e preparar a comida. Dias antes, as baianas das agremiações formam verdadeiros mutirões para preparar os ingredientes, utilizam panelões e caldeiras, artigos comuns nas cozinhas do início do século XX. Feijão, carne de porco, linguiça, couve, farofa com ovos e laranja são preparados e servidos ao público pelas baianas durante a festa. Qualquer pessoa pode ir às feijoadas, comprando ingresso apenas para as apresentações, ou o ingresso que também dá direito à comida. O ciclo de feijoadas pode acontecer durante todo o ano, ou no final do ano, até o carnaval, período de maior atividade nas escolas de samba.

No âmbito religioso, as tias baianas também protagonizam a celebração do sincretismo e da união entre as agremiações. No último final de semana antes dos desfiles, baianas de todas as escolas participam da Lavagem da Sapucaí. Vestidas em trajes típicos, completamente brancos e rendados, as mães-de-santo varrem a avenida com uma mistura de água do mar, de cachoeira e de rio, chamada de água de cheiro, e são utilizadas vassouras feitas de ervas. O ritual tem o objetivo de abençoar a avenida para os desfiles que terão início na semana seguinte.

Portanto, identificamos nestas figuras femininas um lugar fundamental de memória, que remete não só ao Rio de Janeiro do início do século XX, ao surgimento do samba, manifestação popular reconhecida como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Unesco em 2005, parte universalmente celebrada da identidade cultural brasileira, mas também a um passado mais distante. As baianas são uma forma de simbolizar o culto à ancestralidade africana, através da religião, trazida ao samba na forma do batuque, do canto, do gingado, do rodopiar, das vestimentas, das comidas típicas e das celebrações. Aspectos estes que nos fizeram encontrar no samba, em suas raízes, muito mais do que uma manifestação cultural popular, mas também um tributo aos povos africanos e seus descendentes, principalmente aqueles que são filhos brasileiros da diáspora, e lutam, geração após geração, contra o apagamento histórico vivido por seus antepassados.

Hoje, é possível que uma mulher entre em uma escola de samba já como baiana, como é o caso da famosa Tia Nilda, celebrada baiana da Mocidade Independente de Padre Miguel, escola de samba cuja ala de baianas foi escolhida como objeto de estudo desta pesquisa. Há 24 anos, Tia Nilda passou a coordenar a ala, tornando-se responsável por sua organização, seleção de componentes e ensaios, mas permanece desfilando todos os anos. Ela vem à frente da ala, pedindo passagem e apresentando as senhoras aos jurados e ao público. Também permanece liderando as feijoadas da escola.

A baiana hoje é um símbolo, uma representação das verdadeiras baianas que vieram para o Rio de Janeiro e abriram suas portas para que, com os familiares de laços étnicos que lá encontraram, pudessem celebrar suas raízes, sua história, suas famílias de sangue e, assim, fazer com que naquele chão, em sua mais pura essência, nascesse o samba. Portanto, notamos nessa imagem, da tia baiana, a construção de uma importante narrativa do samba: a da sua tradição e memória.

Assim, estamos propondo com este trabalho uma reflexão sobre narrativas carnavalescas, como práticas de comunicação, a partir da análise da Ala das Baianas, enfocando de maneira particular a Ala das Baianas da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel. Procuraremos observar como através das suas próprias narrativas, essas integrantes constroem uma memória particular, não só sobre suas atuações, mas também sobre o samba e, sobretudo, como interpretam a sua inserção na escola a partir de um lugar (que pode ser visto como mítico), isto é, a Ala das Baianas.

Foram realizadas entrevistas em dois eventos da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, a Feijoada Verde e Branco, e o Festival do Refrigerante, festa promovida

para as crianças da comunidade. Em ambas, as baianas foram protagonistas na preparação das comidas, assim como na hora de servir o público. O intuito foi acompanhar de perto e registrar o processo de organização e distribuição de tarefas entre elas, e o papel das lideranças, no caso, protagonizado por Tia Nilda. Além da coordenadora da ala, mais duas baianas foram ouvidas.

Procuramos, ao realizar as entrevistas, agregar alguns pressupostos do método da História Oral, no qual “ouvir o outro” se constitui num exercício de deixar o entrevistado falar livremente, abrindo espaços para suas emoções, que são chaves no preenchimento das informações que se transmitem por diversos trabalhos de memória. Suas falas, sempre posicionadas no presente, produzem um exercício interpretativo capaz de perceber o passado como uma reconstrução que sofre interferências diversas do lugar que ocupam no presente (POLLAK, 1989). O método de História Oral foi escolhido por permitir que os próprios sujeitos objetos de estudo pudessem ajudar de forma objetiva a reconstruir o simbolismo da Ala das Baianas na percepção de suas próprias integrantes. Isso porque, “os depoimentos ajudam a recuperar informações sobre fatos e processos que só podem ser conhecidos pela narrativa daqueles que os viveram diretamente ou daqueles que os presenciaram de alguma maneira” (RIBEIRO, 2015, p. 75).

Esta pesquisa foi dividida em três partes. A primeira, objetiva contextualizar historicamente a inclusão do samba no universo cultural do Rio de Janeiro, destacando o aparecimento da figura da tia baiana, que tem como referência Tia Ciata. Além disso, veremos como nasce a “Pequena África no Rio de Janeiro”, na região da Praça Onze. Este capítulo tem sustentação teórica a obra de Roberto Moura (1995) e “Uma história do samba”, do autor Lira Neto (2017).

A segunda parte introduz mais diretamente o leitor no universo das escolas de samba e das baianas, percebendo-as como símbolos da tradição. O objetivo é mostrar como essa ala detém este simbolismo, o que faz com que se constituam mantendo padrões de estruturação, marcadas pelas vestimentas, pelos adereços e pela forma como desenvolvem suas evoluções musicais nos desfiles. Para remontar aos trajes originários da figura da baiana, utilizaremos a pesquisa da antropóloga Heloísa Alberto Torres (1950), para então, voltarmos nossa atenção para o significado das características visuais das baianas que conhecemos hoje. Apresentaremos também histórias de algumas das primeiras baianas das agremiações precursoras das escolas de samba no Rio de Janeiro.

Na terceira e última parte, caracterizaremos, brevemente, a escola de samba cuja Ala das Baianas é privilegiada nesse trabalho – a Mocidade Independente de Padre Miguel – utilizando como material empírico não só as entrevistas realizadas, mas também a observação que realizamos em algumas festas, privilegiando na abordagem o protagonismo que essas mulheres possuem nesses momentos. A fala das baianas será usada, sobretudo, para particular sentimentos, percepções e sentidos que elas, como personagens centrais, atribuem a esse lugar (a Ala das Baianas).

Procuraremos mostrar como através de narrativas que emanam de seus corpos, as baianas não só simbolizam uma tradição do Carnaval, mas referendam o passado como lugar constituidor de uma história que deve permanecer como uma espécie de resistência e tomada de posição frente às inovações contemporâneas. Suas imagens e seus corpos tornam-se, assim, símbolos vivos de um passado imemorial que passa a ser incluído nos gestos carnavalescos, tornando-se lugares privilegiados de uma narrativa comunicacional.

2. CARNAVAL E AS BAIANAS

O samba, enquanto gênero musical, tem em suas origens ritmos brasileiros, como o maxixe, e africanos, como o lundu, o semba e o jongo. Da diáspora africana – ou diáspora negra – nasceu o ritmo, moldado pela reinvenção de alguns povos que, mesmo conseguindo manter aspectos de sua cultura, passaram por influências da nova realidade em terras brasileiras (MOURA, 1995, p. 17). Afinal,

[...] o samba é muito mais do que um gênero brasileiro com referências negras e africanas; é um instrumento que as camadas populares utilizaram durante um período da história brasileira como meio legítimo de negociação em busca de seu reconhecimento junto ao Estado. Por isso, ao se falar em samba, estamos discutindo um universo com o qual o mundo popular se faz presente e se faz reconhecer. (ELIAS apud WERNECK, 2007, p. 105).

Em seu livro sobre as origens do samba, Lira Neto pontua a fusão entre esse resultado da necessidade de se manter traços da cultura africana e o nascimento dos festejos de rua. Quando os terreiros e quintais pareceram ficar pequenos para a batucada e a cantoria, o samba ganhou as ruas, para então, se encontrar aos grupos carnavalescos. Diz Neto sobre o samba:

[...] nascido no saracoteio dos batuques rurais, adentrou a periferia dos grandes centros urbanos sem pedir licença. Iniciado nos terreiros de macumba, incorporou-se aos cortejos dos ranchos, blocos e cordões, numa simbiose perfeita com o Carnaval” (NETO, 2017, p. 25)

Neste capítulo, lançaremos um olhar sobre o contexto histórico e social que culminou nessa cultura reinventada trazida ao Rio de Janeiro pelas famílias baianas e difundida em seus terreiros, para tomar a forma de samba de roda, e ajudar a “plasmar o samba urbano carioca (NETO, 2017, p. 22).

2.1 – Da Bahia, se fez a “Pequena África no Rio”.

Na segunda metade do século XIX, em 1874, a Bahia, província onde mais aportaram navios do tráfico negreiro, já passara por drástica redução da quantidade de escravos. Apenas 173.639 restaram dos quinhentos mil que havia no início daquele século. A concorrência internacional que ocasionou a decadência do açúcar brasileiro e a crescente importância do café nos estados do sudeste, entre eles o Rio de Janeiro, provocaram a grande comercialização de negros para a então capital brasileira. Em contraponto ao declínio da presença de escravos na Bahia, em 1870, o Rio de Janeiro já contava com uma população escrava de mais de trezentos mil, mais do que o dobro existente em 1844. (MOURA, 1995, p. 27-28)

Com a superlotação dos bairros mais populares, muitos se aglomeram em casarões compartilhados, geralmente entre irmãos de nações. Enquanto alguns pensavam em retornar ao continente africano, outros planejavam se arriscar em outra cidade brasileira. (MOURA, 1995, p. 29)

Porém, a presença dos alforriados baianos era, para a lei, ameaça à segurança da sociedade, já que eram vistos como agentes fomentadores de revoltas. Em 1835, a Assembleia Provincial do Rio de Janeiro solicita o impedimento do desembarque de escravos da Bahia, e libertos vindos de qualquer outro estado, na capital. Especulava-se a existência de sociedades secretas de escravos e forros, para o apoio de ideias ditas subversivas, e que entravam disfarçados de vendedores em grandes propriedades.

Ainda assim, devido à perseguição promovida pelo presidente da província da Bahia a partir de 1849, Francisco Gonçalves Martins, a capital federal seria solução para aqueles que descartavam a volta para a África. Movido pela ideia de que os africanos oferecem perigo à sociedade, o presidente toma medidas restritivas visando a limitação desta população às atividades de agricultura. (MOURA, 1995, p. 30-31) Desta forma, o Rio de Janeiro torna-se o destino para aqueles que, libertos e com limitados direitos na sociedade civil, já não era mais bem vindos no território baiano.

A corrente migratória da Bahia para o Rio de Janeiro permanece até a virada do século, também pelos laços de irmandade. Aqueles que conseguiam trabalho e moradia na capital, ofereciam abrigo aos que viriam depois. Uma bandeira branca, em menção a Oxalá, saudava os recém-chegados ao porto, anunciando que ali havia acolhida. (MOURA, 1995, p. 85)

É no período de adaptação pós-Abolição que há uma reorganização das famílias negras. Com a dissolução das famílias africanas, ocasionadas pela diáspora, é em torno da figura feminina que os laços se remontam. E era naquela região, a zona portuária, que as famílias de negros iriam se instalar. Lugar com moradias mais baratas, os bairros da Saúde, Estácio, Santo Cristo, Gamboa e Cidade Nova abrigaria aquela população. (NETO, 2017, p. 27)

2.1.1- Marginalização

Com quase um milhão de habitantes, a então capital federal torna-se um centro industrial, comercial e bancário do país. “Principal centro produtor e consumidor de cultura, a cidade era a melhor expressão e vanguarda do momento de transição por que passava a sociedade brasileira”. Para tanto, é colocado em prática um plano de reestruturação da cidade e, “assim, para a direção das obras de remodelação, embelezamento e saneamento da capital, é indicado pre-

feito o engenheiro Pereira Passos”. A justificativa das elites para a remodelação estética e as medidas higienistas para o saneamento urbano, com a destruição de cortiços e aglomerados habitacionais mais populares, atendia as necessidades civilizatórias burguesas, porém ignorava questões relacionadas à moradia, ao abastecimento e ao transporte dos grupos que residiam nos bairros do centro, e foram deslocados para regiões mais periféricas. Com isso, as favelas surgem por toda a cidade, “definindo um padrão de ocupação e de convívio das classes na cidade que vai se tensionando ao longo do século”. (MOURA, 1995, p. 45-47)

Os cortiços demolidos, além de moradias acessíveis, eram locais utilizados pelas mulheres para diversas atividades, como as lavadeiras, as doceiras e as costureiras, que ali trabalhavam perto de seus filhos e “tornavam essas habitações coletivas pequenas unidades produtivas”. O bairro da Saúde, que abrigava maior parte dos grupos baianos também seria atingido pelas reformas, e seus habitantes, juntando-se a outros moradores em mesma situação, se deslocariam para ruas da Cidade Nova, Campo de Santana, e subúrbios, ou para os morros próximos ao Centro. (MOURA, 1995, p. 53-54)

A primeira favela do Rio foi o Morro da Providência, no bairro da Gamboa. Como define Moura,

a favela é uma forma de ocupação nos morros cariocas, que tinham sido abandonados como alternativa de moradia depois dos primeiros tempos da cidade quando foram tomados com as casas-fortaleza levantadas pelos colonizadores. Nessa virada de século, os morros voltam a ser ocupados, dessa vez por barracos, casas improvisadas construídas com diversos materiais, sem serviços sanitários nem energia elétrica mas livres de impostos e alugueis, ou pelo menos acessíveis a um custo muito baixo [...] A massa de trabalhadores era necessária para as indústrias mais próximas do Centro, para o comércio e serviço doméstico das casas da Zona Sul [...] Novas comunidades se formam, no Morro de São Carlos e no da Mangueira, favelas se espalham por todos os morros do Centro e em sua volta, e na Zona Sul da cidade, ocupadas por gente que vinha de todas as partes, e que pouco a pouco ganharia unidade através de novas formas de organização saídas da atividade religiosa e dos grupos festeiros. (MOURA, 1995, p. 60-61)

Sem muitas opções no mercado de trabalho formal, enfrentando preconceitos e com sua vida desajustada pelas reformas urbanas, o negro busca subempregos como forma de sobreviver. Lideranças nos grupos, as mulheres arranjam trabalhos domésticos, ou tornam-se pequenas empresárias de serviços ligados a culinária e artesanato. (MOURA, 1995, p. 64). A venda de pratos e doces de tabuleiro nas ruas torna-se característica forte dessas famílias baianas realocadas no Rio de Janeiro. Ainda em Salvador, seus doces se destacavam em meio aos quitutes das senhoras das casas-grandes, conforme as palavras de Gilberto Freyre, em Casa Grande e Senzala:

[...] Mas o legítimo doce ou quitute de tabuleiro foi o das negras forras. O das negras doceiras. Doce feito ou preparado por elas. Por elas próprias enfeitado com flor de papel azul ou encarnado. E recortado em forma de coração, de cavallinhos, de passarinhos, de peixes, de galinhas – às vezes com reminiscências de velhos cultos fálicos ou totêmicos. Arrumado por cima de folhinhas frescas de banana e dentro de tabuleiros enormes, quase litúrgicos, forrados de toalhas alvas como pano de missa. (FREYRE, 1975 *apud* MOURA, 1995, p. 33)

As habilidades doceiras seriam umas das principais características trazidas pelas negras baianas para o Rio de Janeiro, o que se tornaria uma forma de sustento. Tia Ciata tinha seu comércio de doces e aluguel de roupas. Tia Bebianá, oferecia serviços de pespontadeira. E assim, pequenas corporações surgiam na Pequena África. (MOURA, 1995, p. 64-69)

2.2 – Praça Onze, berço do samba

Ainda no final do século XIX, uma figura importante para a criação dos ranchos e cordões cariocas, daria o primeiro passo para a moda das festanças nos lares baianos. Em um dia 6 de janeiro, Hilário Jovino Ferreira, na mesa de um botequim na antiga rua Larga de São Joaquim – atual Avenida Marechal Floriano – criava o rancho Rei de Ouro, inspirado pela festa de dia dos Reis. Dali mesmo encaminhou-se ao armarinho no outro lado da rua, comprou panos verde e amarelo, e criou o estandarte (MOURA, 1995, p.87).

Ao lado de Hilário, que seria organizador dos principais ranchos do bairro da Saúde, a baiana conhecida como Tia Bebianá, irmã de santo de Tia Ciata, também seria uma figura muito importante nessa fase inicial dos ranchos no Rio de Janeiro, ainda relacionada às festas de Natal e Dia de Reis. Sua casa no antigo largo de São Domingos guardava a lapinha¹, artigo folclórico para o qual os cortejos faziam suas apresentações no dia 6 de janeiro, Dia dos Três Reis Magos. Hilário também exerce um papel de transformação nas festas: ao promover o deslocamento dos desfiles dos cortejos para o Carnaval, suas características passam por mudanças, conseqüentemente. Segundo Moura, “a festa profana passa a sugerir um novo enfoque musical e coreográfico, se transferindo para a Cidade Nova, em torno da Praça Onze, os pontos de encontro, organização e desfile dos ranchos baianos.” (MOURA, 1995, p.88)

Essa nova festividade que emerge na Praça Onze, chamado por Moura de “pequeno Carnaval”, domina o espaço. Com isso, percebemos um movimento de luta pela visibilidade, pois “brigando pelo espaço, esses grupos, na realidade, estavam brigando para terem reconhecida a sua própria existência. A territorialização aponta para a especificidade, revelando como

¹ A lapinha é uma espécie de presépio, que tem como objetivo recriar o nascimento de Jesus, e faz parte das comemorações natalinas e de Dia de Reis. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: 2 mai. 2018.

o homem entra em ação com o meio imprimindo nele as suas marcas.” (VELLOSO, 1990, P. 207). Além dos moradores que se deslocaram do Centro para a Cidade Nova, os ranchos atraem para a praça uma sorte de tipos – ambulantes, malandros, moleques, e outros grupos – que brotam espontaneamente, e formam blocos e cordões desorganizados. Era constante que a alegria excessiva e a violência se misturassem, principalmente ao se dar o encontro de grupos rivais. Ao contrário desses aglomerados, os ranchos oriundos de famílias e agrupamentos de baianos prezavam pela tradição de encenar de forma dramática as narrativas religiosas, a partir dos acontecimentos e personagens. (MOURA 1995, p. 88-89)

Hilário era um constante fundador de ranchos cariocas. Era seu objetivo destacar-se na tradição. E mais uma vez, foi na casa de uma tia baiana, Amélia de Almeida, que o incansável instituidor de folias criou o Rosa Branca (Entrevista de Hilário Jovino Ferreira, MOURA, 1885, p. 91). Ogã² no terreiro de João Alabá, pai-de-santo cuja casa de candomblé reunia grande parte dos baianos, Hilário era figura respeitada por aqueles que o conheciam. João Alabá também tem sua importância na história da comunidade baiana no Rio e seus feitos. Ocupava posição de liderança no terreiro, feito incomum para aquela época, já que também eram as mulheres que tomavam o comando das casas onde praticavam seus cultos religiosos. Alabá recebeu em seu terreiro muitos dos baianos que vieram para o Rio, principalmente as mulheres, que se tornariam suas filhas-de-santo. “Era candomblé nagô. Na casa de meu pai enchia muito. Elas assim que vinham da Bahia, vinham pra cá, era na casa de meu pai que a baianada vinha [...] era a casa do Rio de Janeiro forte no santo, a baianada toda se acoitava ali.” (CARMEM apud MOURA, 1995, p. 93).

A casa de João Alabá abriu suas portas para que os baianos dessem prosseguimento ao culto à seus ancestrais, sua cultura e sua memória. Neste caso,

frequentavam as tias baianas que eram os grandes esteios da comunidade negra, responsáveis pela nova geração que nascia carioca, pelas frentes do trabalho comunal, pela religião, rainhas negras de um Rio de Janeiro chamado por Heitor dos Prazeres de “Pequena África”, que se estendia da zona do cais do porto até a Cidade Nova, tendo como capital a praça Onze. (MOURA, 1995, p. 93)

2.3 – Tias baianas, mães do samba carioca.

O protagonismo dessas mulheres está evidente em diversos aspectos. Na centralização na formação de novas famílias entre os negros, nos ofícios improvisados e baseados em suas habilidades culinárias, e na liderança nos terreiros de candomblé. Além disso, o fato de não só

² Membro do corpo de conselheiro escolhido entre os indivíduos de maior prestígio no terreiro. (MOURA, 1995, p. 92)

apoiarem, mas estarem de frente na organização das festas religiosas, “que depois se profani-
zavam em encontros de música e conversa, onde se expandia a afetividade do corpo.”
(MOURA, 1995, p.93).

Entre tantos títulos simbólicos, um se destaca, e não é de forma metafórica. Em breve,
poderemos concluir como a figura das tias baianas foi vital para o nascimento do samba cari-
oca e das folias carnavalescas. Responsáveis indiretas pela formação das rodas de samba nos
quintais de suas casas, protegidos da repressora ameaça policial da época, as negras baianas
eram tias (no tratamento) para todos, mas também mães, daqueles que, inspirados pela vida na
região central do Rio, pelo passado de suas famílias e seus conterrâneos, criariam as composi-
ções tão carregadas de história e tradições.

João da Baiana, um dos grandes nomes da aurora do samba carioca, era filho caçula de
Perciliana Maria Constança, a Tia Perciliana. Segundo as memórias do próprio João,

as baianas da época gostavam de dar festas. A Tia Ciata também dava festas. [...] Desde garoto eu já fazia samba. Minha mãe gostava, lá em casa todos eram bai-
anos, menos eu, que sou carioca. Minha mãe gostava porque eu dei para o can-
domblé, para a batucada, para a macumba, e gostava de compor. (JOÃO apud
MOURA, 1995, p. 92)

Até o ano de 1911 (quando os desfiles passariam a ter patrocínio do *Jornal do Brasil*, o
que promoveria mudanças em suas características) os ranchos se apresentavam em frente a
janela de Tia Bebiana e de Tia Ciata. Bebiana era umas das mulheres que se destacavam em
uma forma de liderança religiosa. Era habitual que essas baianas mais proeminentes fossem
até a Bahia, cuidar de assuntos relacionados aos seus santos e à sua comunidade negra. Além
de Tia Bebiana, figuravam os nomes de Mônica, Carmem do Ximbuca, Ciata, Perciliana e
Amélia, entre outras, todas irmãs-de-santo pelo terreiro de João Alabá. As tias baianas repre-
sentam a centralização da ordem naquela comunidade recém-formada. A massa que se trans-
fere para a região da Cidade Nova estabelece organização política sustentada pelos centros
religiosos e pelas festas. São essas mulheres os centros religiosos e festeiros. Graças a elas, a
comunidade se estrutura e mantém suas tradições africanas.

Além dos nomes mais famosos das baianas da Pequena África, estão também os de Tia
Perpétua, Tia Veridiana, Calu Boneca, Maria Amélia, Rosa Olé, Sadata da Pedra do Sal (que,
ao lado de Hilário Jovino, fundou o primeiro rancho carioca, Rei de Ouro), Tia Mônica e Tia
Gracinda. (MOURA, 1995, p. 94-95).

Mas um nome em especial é a grande referência para toda a história das baianas que
centralizaram a comunidade negra no Rio e embalaram as rodas de samba nos quintais de suas
casas. Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, figura em todos os registros da gênese do sam-

ba e dos ranchos carnavalescos cariocas, podendo ter seu apelido variado também para Siata ou Assiata. Nascida em Salvador, no ano de 1854, é iniciada no candomblé ainda na adolescência. Chegou ao Rio em 1876, aos 22 anos de idade, já com a primeira filha, Isabel, e foi morar inicialmente na rua General Câmara. Depois, mudou-se para a rua da alfândega, número 304. Foi vizinha de Miguel Pequeno, marido de Dona Amélia do Kitundi, e um dos líderes da comunidade negra no Rio.

Ciata dispunha de ampla sabedoria, resultados de sua vivência, que aliado a sua força e seus conhecimentos religiosos e culinários, fariam dela uma memorável liderança. No Rio, passa a fazer doces em casa e vender na rua. Seu primeiro local de venda foi a rua Sete de Setembro, que depois seria trocado pelo Largo da Carioca, As vestimentas típicas de baiana, que mais tarde ela não abandonaria mais, eram de praxe. (MOURA, 1885, p. 96)

Após sua chegada ao Rio de Janeiro, Ciata casa-se com João Batista da Silva, negro também baiano, com boa situação de vida. A longa relação com a baiana foi imprescindível para sua afirmação no meio negro. João Batista passou por bons empregos e, graças a sua esposa e ao Presidente da República, ocupou um cargo privilegiado do baixo escalão, no gabinete do chefe de polícia. Um de seus netos, o sambista Bucy Moreira, conta em entrevista que, através de Bispo, um conhecido de Ciata e que era chofer de Wenceslau Brás, a baiana ajudou o então presidente da república a curar um eczema que, segundo os médicos, era incurável. Sem ter conhecimento de que se tratava de um político do mais alto cargo a se ocupar na república, ela foi convencida por Bispo a ir até o presidente, e a própria lavou a ferida e aplicou o remédio, feito com ervas. Passados três dias, conforme as ordens de Ciata, a ferida sarou. Ao ser perguntada por Wenceslau o que queria em agradecimento, pediu apenas que ajudasse a melhorar as condições do marido. A solução foi empregar João Batista no gabinete de polícia. (MOREIRA apud MOURA, 1995, p. 96)

Seus filhos, cuja maioria seguiu as influências musicais e carnavalescas da mãe, eram conhecidos por apelidos de origem africana, de cunho afetivo, diferentes da formalidade dos nomes de registro ocidentais. Fatumã, por exemplo, que era a porta-bandeira do Rosa Branca. Caletu, que era pastora do Rei de Ouro. Já João Paulo da Silva, apelidado de Caboclo, cursou Medicina. “Mesmo sendo lembrança remota ou construção do imaginário, a África permanece como ponto de referência para o grupo, no sentido de marcar sua identidade” (VELLOSO, 1990, p. 208)

O trabalho era algo constante e marcante na vida de Tia Ciata. Como dito anteriormente, ela e outras baianas de sua geração construíram uma das grandes tradições das ruas cariocas: a

das baianas quituteiras. A religião é a base principal da atividade, que agradava a população da cidade, fregueses regulares, e que foi narrada na obra de Debret “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”, na primeira metade do século XIX. Após cumprir os deveres religiosos e deixar parte dos doces no altar, conforme o Orixá homenageado do dia. Tia Ciata ia para a rua, devidamente paramentada com os elementos característicos: saia de roda, pano da costa, turbante, colares e pulseiras de contas. No tabuleiro, a ornamentação e a variedade de doces era guiada pelo misticismo do candomblé. (MOURA, 1995, p. 97)

Ilustre filha-de-santo na casa de João Alabá, sendo este, uma figura tradicional do candomblé nagô de Salvador, Ciata era primeira *Iyá Kekerê*³. Entre suas funções, estava o auxílio aos novos iniciados na religião, com a organização das obrigações de iniciação e das oferendas. Hilária foi iniciada em Oxum, “orixá que expressa a própria essência da mulher, patrona da sensualidade e da gravidez, protetora das crianças que ainda não falam, deusa das águas doces, da beleza e da riqueza” (MOURA, 1995, p. 100), e na vida religiosa, era conhecida pela alcunha Ciata de Oxum. Era comum que as festas dedicadas aos santos tivessem início em uma missa cristã, realizada na igreja, e terminassem em uma roda de samba, nos fundos de sua casa na Praça Onze.

Através do corpo, expressava traços das danças religiosas que se integravam à dança do samba. Sambava, cantava e compunha. Respondia aos versos de partido alto⁴ de improviso. Cuidava da comida, para que nunca deixasse de ser servida, nunca esfriasse e nunca faltasse. Abria as portas de sua casa para as festanças que poderiam durar dias seguidos, ao passo que muitos saíam para trabalhar e voltavam.

O fato de abrigar em sua casa as rodas de samba, no quintal dos fundos, remete ao zelo com que Tia Ciata tratava as tradições, a música, a dança, e a expressão cultural de seu povo. Por razões óbvias, o samba e o candomblé eram diretamente atribuídos aos negros, descendentes de escravos, e preconceituosamente associados à desordem e vadiagem. Logo, a polícia dedicava grande atenção e vigília para os locais onde costumavam acontecer as reuniões da comunidade negra. A perseguição caracterizava “marcas primitivas que deveriam ser necessariamente extintas, para que o ex-escravo se tornasse parceiro subalterno [...] em uma sociedade que hierarquiza sua multiculturalidade”. (MOURA, 1995, p. 100). Como a casa de Ciata

³ *Iyá Kekerê* significa Mãe Pequena em Yorubá, e representa o cargo de auxiliar direta do pai ou mãe de santo do terreiro, na hierarquia do candomblé Ketu. (MOURA, 1995, p. 100)

⁴ (Nota da Autora): Subgênero do samba, que intercala refrãos acompanhados de coro, e versos improvisados.

era também a casa de seu marido, já empregado no gabinete do chefe de polícia, o local era imune às batidas policiais, portanto, espaço protegido para as reuniões.

Ciata exercia outra atividade, além da feitura e venda de doces. O aluguel de roupas típicas de baianas, costuradas pelas negras da comunidade, era feito para os teatros, e na época de carnaval, para mulheres da classe média que desfilavam nos blocos carnavalescos pertencentes aquela esfera social. Inclusive alguns homens se davam a liberdade de usar como fantasia as roupas das baianas.

Mesmo com a morte do marido, em 1910, a baiana não deixa de lado as incumbências de liderança do seu grupo familiar, fraterno e religioso. Não abandonava as vestes típicas, não perdia o bom humor, nem deixava de acolher aqueles que buscavam sua ajuda. Posteriormente, outra perda provocou uma mudança de endereço. Sem Tia Bebiana, Ciata aluga uma grande casa na Praça Onze, para onde acaba levando os desfiles e o carnaval de sua gente. A nova casa possuía uma espaçosa sala na frente, onde acontecia o baile. Nos fundos, um quintal em terra batida onde se dançava e batucava, e mais afastado, ficava o barracão que guardava os artefatos do culto religioso. “As grandes figuras do mundo musical carioca, Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Heitor dos Prazeres, surgem ainda crianças naquelas rodas onde aprendem as tradições musicais baianas a que depois dariam uma forma nova, carioca”. (MOURA, 1995, p. 103)

No carnaval, Ciata e sua família eram presença certa nos ranchos que ela mesma ajudara a fundar, como o “Rosa Branca” e o “Macaco é outro”. Os grupos carnavalescos conseguiam sair em desfile graças ao trabalho coletivo da comunidade, que costurava as fantasias, criava enredo e músicas, confeccionava os instrumentos de percussão e as ornamentações. O trajeto tinha, obrigatoriamente, a casa da tia baiana como um de seus pontos principais. Paramentada, ela aguardava em sua janela a passagem do rancho a lhe render homenagens, e cumprimentava-os. Esta mesma casa que, protegida pelo cargo de João Batista aliado a relevância de Tia Ciata, “se torna a capital dessa Pequena África no Rio de Janeiro”. Um espaço onde aquelas pessoas podiam “afirmar seu passado cultural e sua vitalidade criadora, recusados pela sociedade” (MOURA, 1995, p. 106). Um lugar de memória.

Até aqui, vimos uma história carregada de protagonismo, apesar da pouca atenção recebida pela historiografia formal. Em uma cidade altamente caracterizada pela “dualidade de mundos” (CARVALHO apud VELLOSO, 1990), a massa de negros baianos que chegara ao Rio na tentativa de reconstruir suas vidas, liderada pelas mulheres, encontrou em suas próprias expressões culturais meios de subsistência e de manutenção da memória de seu povo.

Observamos o processo de dominação do espaço físico, (que começou na zona portuária, e após as reformas urbanas da política higienista do então prefeito Pereira Passos, acabou recuando em direção ao subúrbio) essencial para afirmar seu lugar na cidade, e determinante na resistência de sua cultura, que culminou no nascimento do samba.

Após contextualizar a importância das tias baianas na configuração do carnaval carioca, e em especial, destacar a vida de Tia Ciata como emblema memória do início do samba, a seguir, nosso objetivo é mostrar as feições atuais do grupo responsável por não só homenagear, mas por manter vivas as tradições, características e costumes das aguerridas matriarcas do carnaval. Vamos conhecer um pouco melhor, as atividades e atributos da ala das baianas das escolas de samba.

3. AS BAIANAS DAS ESCOLAS DE SAMBA

Conhecendo a história das tias da Praça Onze, entendemos as razões de haver uma “ala das baianas” em toda escola de samba. Presença obrigatória nos desfiles oficiais, as baianas são peças importantes no papel social das escolas de samba e também estão presentes nos eventos mais importantes do calendário das agremiações.

3.1 – A institucionalização dos desfiles

Oficializado no ano de 1932, pelo prefeito Pedro Ernesto, o carnaval carioca passa por suas primeiras transformações. Até então os festejos momescos consistiam nos desfiles dos ranchos pela região da praça Onze e pelos bailes realizados em grandes clubes. A criação da Deixa Falar, pioneira entre as escolas de samba, também influenciou a remodelação dos desfiles. Porém, com a oficialização, que por consequência passou a administração da festa para o poder público, a escola criada no Morro do Estácio foi transformada em rancho, não participando mais dos desfiles. A campeã daquele ano foi a recém-criada Estação Primeira de Mangueira. (NOGUEIRA, 2007, p. 24)

A partir da década de 1920, a criação da escola de samba Deixa Falar, no Estácio, impulsionou o surgimento de outras agremiações em vários bairros da cidade. O movimento logo atingiu o bairro de Oswaldo Cruz, na zona norte, onde foi criado o Grupo Carnavalesco de Oswaldo Cruz, que ainda teria o nome Vai como Pode, para mais tarde, se transformar na conhecida e vitoriosa Portela. O mesmo acontece nos bairros da Tijuca, de onde surge a Unidos da Tijuca, resultante da fusão dos blocos dos morros Casa Branca, Borel e Ilha dos Velhacos. No próprio Estácio, ainda surgiriam naquela época outras escola de samba. Neste tempo, em que despontam várias agremiações já na nova configuração de escola de samba, as mulheres continuam participando ativamente do carnaval. Cuidando do lado religioso, da culinária e da feitura das fantasias, algumas figuras assumem naturalmente a tradicional figura de “Tia”. (NOGUEIRA, 2007, p. 24)

Além da religiosidade, os ofícios, formais – como fonte de renda – ou informais, eram aprendidos em casa, com as mães, avós, madrinhas, vizinhas... O conhecimento era passado adiante através do “boca-a-boca” entre os conterrâneos. Havia uma rede de intercâmbios onde o saber sempre estava em circulação. Velloso (1990) atenta para o que chama de sociabilidade espacial, um costume enraizado na cultura dos baianos descendentes de africanos. Segundo a autora, “essa tradição era encabeçada pelas mulheres que, muitas vezes, acabavam transformando suas casas em verdadeiras oficinas de trabalho” (VELLOSO, 1990, p. 212).

No Estácio, uma moradora, “dona Benedita”, ajudou a levar para Oswaldo Cruz o movimento que fundou as primeiras escolas de samba. Quituteira e frequentadora de rodas de samba, Benedita comparecia, na companhia de nomes como o do sambista Ismael Silva, às festas de umbanda e candomblé na casa de Napoleão José do Nascimento - pai de Natalino José do Nascimento, o Natal da Portela – onde nasceria a escola de samba Portela. Assim como Benedita, muitas mulheres dariam continuidade no trabalho de liderança, organização e acolhida na formação das rodas de samba, que se tornariam agremiações. (NOGUEIRA, 2007, p. 24)

No Morro São Carlos, também no Estácio, morava uma senhora conhecida como “Mãe Rita”. Nascida no interior do estado, ainda no século XIX, Rita veio com o marido para a capital, e passou a cuidar da casa, além de se tornar parteira. Já possuía um espírito festeiro, e ao conhecer o som feito pelos amigos ex-escravos, logo se encantou. Em meio as agremiações que nasceram pelo Morro São Carlos, no ensejo da Deixa Falar, foi criada em 1928 a Cada Ano Sai Melhor, que contou com a participação de Rita. Com cerca de 40 anos de idade, ela foi uma das primeiras baianas da escola. Ela mesma costurava e engomava as saias da fantasia. Mãe Rita influenciou os netos com o gosto pelo samba e todos atuaram nas escolas do Morro São Carlos, sendo dois deles sambistas de maior destaque. Arelino Gomes, conhecido como Lelo, e Alzemiro Gomes, o Escurinho, foram, respectivamente, mestre de bateria e mestre-sala da escola de samba Paraíso das Morenas. Outra neta, Alice Gomes, desfilava por umas das escolas que, após uma fusão, se tornaria a Estácio de Sá. Mãe Rita faleceu na década de 70, deixando seu nome na história da agremiação, e a dedicação ao samba e a sua comunidade, como legado para seus descendentes. (NOGUEIRA, 2007, p. 26)

Alice Gomes, ou Tia Alice, como ficou conhecida, frequentou desde criança várias agremiações do Morro São Carlos. Casou-se com Waldemiro Ribeiro, conhecido como Miro Branco, que foi o primeiro presidente da Unidos de São Carlos. Na agremiação, da qual nunca saiu, Tia Alice ocupou um lugar de prestígio entre os componentes. Durante muitos anos foi responsável pela ala das baianas na escola, e chegou até a ocupar o cargo de vice-presidente administrativa. A baiana é uma das referências de memória da escola, desde seus primeiros carnavais. (NOGUEIRA, 2007, p. 27)

Outra figura importante na história da primeira escola de samba reconhecida pelo Iphan⁵ é Atanásia de Oliveira, que ficou conhecida como “Atanásia do Nino”. Carioca, nascida em 1904, foi morar no Morro São Carlos ainda na primeira década do século XX. Na juventude,

⁵ Disponível em: <<http://gresestaciodesa.com.br/index.php/a-estacio/ficha-tecnica>>. Acesso em: 21 mai 2018.

tinha entre seus amigos nomes de bambas da região, como Ismael Silva, e Alcebíades Barcelos, o Bide. Alguns anos depois, Atanásia começou a participar dos grupos de samba que dariam vida as agremiações, época em que se tornaria uma das mais conhecidas quituteiras do morro. Aos 24 anos de idade, foi pioneira na ala das baianas da Deixa Falar, quando esta foi criada, em 1928. Casou-se com Manoel Pacífico da Costa, o Nino – daí o apelido Atanásia do Nino – com quem, por muitos anos, organizou rodas de samba no quintal de casa. Tradicionalmente os sábados, ela cozinhava até quarenta litros de sopa, que era servida para quem chegasse. Ficou viúva na década de 40, e assumiu a missão de criar os três filhos. Todos cresceram no meio sambista. As duas mulheres seguiram os passos da mãe, e também foram baianas. (NOGUEIRA, 2007, p. 25) Tia Atanásia esperou quase um século para ver sua escola campeã. No carnaval de 1992, quando já estava com a saúde debilitada, afastada da quadra e das atividades da agremiação há quinze anos, e só descia o morro quando era levada para consultas médicas, a baiana ouviu com apreensão pelo rádio a Estácio de Sá ser anunciada como campeã daquele carnaval. Tia Atanásia levou as mãos ao coração, e rezou em agradecimento. Faleceu no ano seguinte. (DOSSIÊ MATRIZES DO SAMBA, 2007, p. 100).

Apresentamos brevemente as histórias de três mulheres que, por interesse espontâneo ou influência familiar, enveredaram-se pelos terreiros e rodas de samba, e acabaram por dedicar sua vida e suas habilidades a uma escola de samba, como baianas. Percebemos algumas similaridades entre elas, como o talento para a culinária e a costura, a socialização no meio sambista e a assiduidade nos eventos relacionados ao samba. Mulheres que fincaram seus pés no Morro São Carlos, território pioneiro na organização de agrupamentos sambistas e criação de agremiações, e lá, construíram suas próprias histórias.

Também é possível notar que, apesar das diferenças no contexto que as leva ao envolvimento com o samba, os elementos que impulsionam uma mulher a ser baiana na escola de samba são praticamente os mesmos que caracterizaram as tias baianas da Praça Onze, do final do século XIX. Essas mulheres, as primeiras baianas de escola de samba, nasceram em uma época em que já estava, de certa forma, consolidada a “cultura do samba” – um movimento que produzia a festa, os costumes, a culinária, a sociabilidade. (LIMA, 2013, p.95). “O samba já não era, portanto, mera expressão musical de um grupo social marginalizado, mas um instrumento efetivo de luta para a afirmação de etnia negra no quadro da vida urbana brasileira” (SODRÉ apud LIMA, 2013, p. 97). Porém, dadas as diferenças, são os mesmos atributos de Tia Ciata e suas contemporâneas, que conectam as habilidosas quituteiras e costureiras, a de-

dicada parteira, as acolhedoras tias, as responsáveis donas de casa ao território escola de samba.

Neste sentido, as agremiações assumiam um aspecto de unidade em relação à sua comunidade. A organização conferia uma nova cara ao que antes era ilegal e permanecia sob vigilância das autoridades policiais. Segundo Vargues (2013), “todo esse clima de institucionalização, negociação, busca por respeito e legitimidade em muito tem ligação com a posição de grandes lideranças comunitárias bastante articuladas com políticos, funcionários públicos e gente da imprensa”. Em depoimento a Moura (1988), Cartola e Carlos Cachça narram a reação da população diante da criação da escola de samba do Morro da Mangueira, e como isso os atraiu para a escola: “eles viram (o povo do morro) a organização, o modo como mudamos da água para o vinho, e foram se chegando e foram acabando os bloquinhos. Depois fez-se a junção geral” (MOURA apud VARGUES, 2013, p. 202). Vargues aponta como “o discurso de Cartola demonstra o próprio sentimento de comunidade, gestado ao longo de mais de uma década, é um elemento forte na constituição das escolas de samba.” (VARGUES, 2013, p. 202).

As transformações ocorridas no carnaval e nos desfiles, que se tornaram eventos oficializados e foram inseridos no calendário da prefeitura, e a evolução dos ranchos para escolas de samba, foi mudando também o sentido da presença das baianas numa escola. Agora em alas, era um grupo representando uma figura. Ainda que, desde seu surgimento, as escolas tenham contado com baianas que se destacaram no grupo, as características que as ligava ao samba, permaneceram.

3.2 – Ala das baianas: mimese das baianas da Pequena África

A figura da negra baiana, que representa as “mães do samba” e as tias das escolas de samba, é, acima de tudo, uma construção imagética. Seu carisma, seu jeito acolhedor e a bravura são aspectos importantíssimos na caracterização dessas mulheres, porém, para fins de identificação, as vestimentas típicas são determinantes. Além disso, os elementos mais importantes do traje são cheios de histórias e significados, os quais vamos explorar a seguir, para então, compreendermos o formato atual das baianas de escolas de samba. Para tanto, contaremos com a pesquisa da antropóloga Heloísa Alberto Torres como referência.

3.2.1- A origem da indumentária da negra baiana.

Traficadas em situação degradante e desumana nos porões dos navios, as mulheres escravizadas chegavam ao destino trajando poucos – ou mesmo nenhum – pedaços de pano. Já sob poder dos senhores de escravos, ficava a cargo das sinhás, movidas pela moral cristã, cristã, vestir as mulheres escravizadas. Logo, esse se fez o primeiro estímulo a essas mulheres a adotar para si uma vestimenta específica. As sinhás acabavam sendo uma forma de inspiração no trajar, e no comportamento, para as negras. Uma forma se sentirem minimamente humanizadas. (TORRES, 1950)

Consistindo a vestimenta tradicional das baianas, temos a saia de roda, formada por várias camadas, o que confere volume à peça, camisa, o pano da Costa, e o torço, ou ojá, ou ainda – na nomenclatura mais conhecida – turbante.

Segundo os estudos de Torres, dentre as peças que constituem o traje da mulher negra baiana, o pano da Costa é o elemento de maior importância e simbologia, pois é dotado de significação etnográfica, graças a sua beleza e às variações que a diversidade do seu uso confere à figura da mulher. A autora diz que

a expressão "pano da Costa" tem curso nos Estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e no Distrito Federal, onde se acham os mercados que com mais intensidade e mais prolongadamente, estiveram em relações com a África. Chama-se ao pano, "da Costa" como se dizia dos demais produtos importados da África e que tinham uso popular: sabão da Costa, limo da Costa, búzio da Costa, muito embora a origem de alguns deles seja vária e ainda controversa. A princípio estendia-se a denominação a todos os tecidos importados da África, qualquer que fosse a sua aplicação; o uso lhe foi restringindo o campo até a limitação ao xale. (TORRES, 1950)

Tecida em algodão, lã, seda ou rafia, e às vezes por composição de dois desses elementos, o pano da Costa é uma peça tradicionalmente disposta no corpo de acordo com a atividade que será exercida. É uma espécie de xale retangular, que comunica ao que se dispõe a mulher que o veste: se está a trabalho, à passeio, envolvida em alguma atividade religiosa... O candomblé foi um fator importante em relação ao colorido do pano da Costa. Ainda que permanecesse o costume de obedecer às normas do uso de cores, determinadas de acordo com o orixá homenageado há uma grande variação de tonalidades das cores, destacando-se uma preferência por tons mais avivados.

Conforme as entrevistas realizadas em suas pesquisas, Torres, afirma que “as frases de alguns membros de candomblés a respeito de suas festas levam a crer que, no atual pano da Costa como nos demais elementos da indumentária ritual, se refletem o colorido, o brilho e a cintilação dos festejos carnavalescos.” Ela relata ter ouvido mais de uma vez que “quando elas

dançam vestidas de cetim, esta sala parece um carnaval”. Afinal, não é difícil estabelecer similaridades no colorido e na movimentação de ambos os eventos. Logo, o colorido visto atualmente no pano da Costa, é uma criação afro-brasileira.

Portanto, Torres nos ajuda a compreender de que forma o traje da baiana expressa tantos significados, pois

O pano da Costa é mais do que um elemento decorativo no traje da baiana: é um símbolo. Varia na sua padronagem, conforma-se a certos preceitos convencionais de disposição, nos atos do culto, indica pelo colorido o santo a que é consagrada cada crioula⁶. Além disso, ele traduz um sentimento de fidelidade para com o passado; prende as suas portadoras à terra de origem. Elo que a capacidade artística da crioula modificou a ponto de torná-lo irreconhecível pelas suas irmãs da Costa, constitui, entretanto, no campo afetivo da mulher crioula⁷, uma amarra emocional com a pátria distante. A crioula guarda o sentimento profundo de que o pano é da Costa e representa a herança transmitida através de gerações. Este sentimento fortalece sua significação e faz do pano da Costa um símbolo de classe. (TORRES, 1950)

As saias começavam a fazer parte da vestimenta feminina durante a puberdade, quando o corpo começava a tomar mais formas adultas, que, na visão das mulheres mais velhas, já deveriam ser cobertas. Com a acessibilidade do vestido às classes sociais mais baixas, tornou habitual o uso de saias apenas pelas iaôs⁸.

A camisa pode ser bordada a mão, e decorada com rendas e bordados de flores, espinha de peixe, crivos, ilhós e pontos russos. Esse tipo de camisa compõe trajes mais luxuosos, combinados com saia de beca ou saia de seda. Para uso mais diário, havia o camisu, peça que vai até a cintura, que raramente possui rendas. Sobre a camisa é usada a anágua, que dá o volume característico às saias. Também de uso diário são as saias estampadas, feitas de chita.

Na cabeça, uma peça insubstituível: o torço. Os cabelos eram mantidos curtos, tanto por questões higiênicas, quanto para melhor acomodar a peça, que cobria todo o cabelo.

Ainda seguindo os registros feitos por Torres,

por verdadeiras que sejam as razões já várias vezes invocadas, de razão nacional, religiosa ou regional no modo de usar o torso, uma causa é certa: a contribuição individual parece representar, no arranjo do torso, papel importante. Ele é o elemento em que as crioulas dão largas à sua imaginação e espírito criador; por meio do torso, introduzem variantes ocasionais no seu traje. Talvez seja o elemento mais individualizador de toda a indumentária baiana. É feito em linho, al-

⁶ A autora utiliza a expressão “crioula”, que, considerando a época da publicação de seu trabalho, não é colocado de forma pejorativa, pois o termo possui como origem “escravo nascido no continente americano, por oposição aos oriundos da África”. Por ser uma designação a pessoas negras, ao longo do tempo, a palavra foi ressignificada em uma forma negativa, com intuito de ser tomada como ofensa. Portanto, assinalamos que, devido a forma com que pode ser interpretada atualmente, optamos pelo uso de “negras baianas” neste trabalho.

⁷ Idem.

⁸ (N.A.) Nome dado na umbanda e no candomblé às mulheres que já foram iniciadas em algum orixá, mas ainda não completaram o ciclo de sete anos de obrigações.

godão, seda; lisos ou bordados; em cores unidas ou de padrões geométricos por tecelagem ou de estamparia. É o remate final da vestimenta e adapta-se, mesmo nas horas de trabalho, a fins utilitários para amortecimento de pesos carregados à cabeça e ajustamento da forma da cabeça ao plano inferior da peça a carregar. (TORRES, 1950)

Outro componente essencial no traje da baiana era a penca – um aglomerado de berloques dispostos de forma que não se misturassem, e pudessem balançar livremente – e que atualmente é nomeado como balangandãs. O costume de carregar uma penca tem origem em uma antiga tradição das sinhás: era comum que as donas de casa “de conceito” carregassem pendurado um molho de chaves, que dava acesso a todos os cômodos e armários da casa. Ficavam sob seus cuidados os objetos de propriedade da família, como joias, tecidos valiosos, prataria, cristais e porcelanas. A argola com as chaves era mantida presa na cintura, como um símbolo de poder da dona de casa sobre os bens da família. Uma riqueza da qual somente ela guardava e zelava, e que era motivo de deslumbre para as negras escravizadas. Desta forma, segundo registros do final do século XVIII, as baianas carregavam na cintura uma penca contendo algumas chaves, pequenas sacolas e berloques. A partir de então, a penca torna-se um símbolo para as baianas. (TORRES, 1950)

Além dos balangandãs, outros acessórios se fazem muito presentes. No pescoço, um colar-rosário, nos braços, numerosas pulseiras, que podem ir do punho até o cotovelo, e quase todos, senão todos, os dedos levam anéis. Brincos, pingentes e argolas podem ser adicionados de acordo com riqueza da composição do traje.

3.2.2- A configuração atual da baiana

Dadas as características mais marcantes no visual das negras baianas, que determinou as vestimentas que seriam adotadas pelas tias da Praça Onze, pelas mulheres nos rituais religiosos, e pelas baianas das escolas de samba, observaremos a seguir de que forma se apresentam estas últimas.

A imagem da baiana que integra a ala das baianas nas escolas de samba passou por algumas transformações, e atualmente, a fantasia molda-se ao enredo, e ao que a ala representa dentro da narrativa que o enredo transmite no desfile. Portanto, já não é incomum ver baianas transformadas em objetos, pinturas, personagens, corpos celestes ou como personificação de conceitos. Os componentes da indumentária são respeitados: as fantasias das baianas sempre têm a volumosa saia rodada, camisa, pano da Costa e o turbante. Este último, em alguns enredos, já foi substituído por adereços que compõem a representação da fantasia.

Porém, uma baiana de escola de samba não aparece apenas no dia do desfile. Atualmente as escolas de samba possuem uma agenda de eventos e compromisso que podem durar o ano inteiro, e se intensificar nos meses que antecedem o carnaval. Os chamados ensaios-show, onde grupos dos principais segmentos da agremiação, como passistas, baianas, velha-guarda, bateria e casais de mestre-sala e porta-bandeira, se apresentam para o público em sua quadra, normalmente aos finais de semana. Esse tipo de evento consiste em uma forma de arrecadação de verbas para a escola. Também é tradição a realização de feijoadas, festas onde a presença das baianas possui maior destaque, como veremos no próximo capítulo. Nesses eventos as matriarcas desfilam uma grande variação dos trajes alternativos. São roupas com uma apresentação um pouco diferente das fantasias do desfile, porém ainda carregadas dos símbolos dos trajes originais.

Normalmente confeccionada em rendas ou estampas vibrantes e obedecendo à paleta de cores da bandeira da escola, os trajes alternativos são um pouco menos volumosos, conferindo maior mobilidade às senhoras, porém não menos cheios de esmero. Costuma ser complementado por um torço/turbante de amarração simples, elemento que não pode faltar à baiana. Os colares de contas (semelhantes às guias da umbanda e do candomblé) são numerosos e exuberantes, assim como pulseiras, anéis e brincos.

Nesses eventos, a baiana cumpre o papel de representar a escola e sua história. Seja em uma apresentação particular, feita para um contratante, em visitas às quadras das co-irmãs⁹, ou em seus próprios ensaios, na presença de sua comunidade, a ala das baianas carrega consigo o peso da história daquela agremiação, e através de sua dança, saúda e é saudada pelos presentes.

3.3- Como desfilam as alas das baianas atualmente

Não há, dentre os quesitos oficiais para julgamento dos Desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, determinados pela Liesa¹⁰, um quesito específico que confira nota para a ala das baianas. Porém, esta ala está incluída no todo, que é julgado em quesitos que avaliam elementos comuns a vários componentes, como Harmonia¹¹. Além disso, é uma ala de evolução, que possui uma coreografia específica – os giros – e que deve ser apresentada com a

⁹ (N.A.) Maneira cordial de tratamento entre as escolas de samba.

¹⁰ (N.A.) A Liga Independente das Escolas e Samba do Rio de Janeiro, Liesa, é uma associação fundada em julho de 1984, com o intuito de unificar e organizar os Desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

¹¹ Quesito que avalia o entrosamento entre o ritmo e o canto dos componentes. Ver: <<http://liesa.globo.com/material/carnaval18/julgador/Manual%20do%20Julgador%20-%20Carnaval%202018.pdf>> Acesso em 01 jun 2018.

mesma frequência e velocidade durante todo o desfile, não podendo diminuir ou acelerar o ritmo e andamento da apresentação. (CAVALCANTI, 1994, p. 217).

Apesar de não estar sob julgamento dos jurados, a presença da ala das baianas é obrigatória nos desfiles. O Regulamento para o Carnaval 2018 da Liesa¹² inclui algumas considerações em relação à ala: de acordo com o inciso II, artigo 26, é obrigação das escolas desfilarem com, no mínimo, setenta baianas agrupadas. O inciso III, no mesmo artigo, torna obrigatório às escolas impedir a presença de pessoas do sexo masculino na ala das baianas, a exceção de Diretores de ala, desde que não estejam vestindo a mesma fantasia da ala em questão. O regulamento prevê ainda a penalização em 0,5 pontos diante do descumprimento de alguma das regras.

Já no inciso XVII, artigo 27, é recomendado às agremiações que se confeccione as fantasias da ala das baianas de maneira confortável, com o objetivo de facilitar a elas a execução do bailado, sem que haja necessidade de esforços excessivos para tal, durante o desfile. A observação em questão denota um cuidado unânime entre as escolas: a atenção aos esforços das mulheres, em sua maioria, mais idosas.

3.4 – Tradição e memória: a manutenção da imagem e comportamento das tias baianas.

Vimos até aqui, que as “Tias”, como são carinhosamente chamadas as baianas das escolas de samba, são uma reprodução reverenciosa das negras baianas, também chamadas de tias, que configuraram a Pequena África no Rio, reestabeleceram uma identidade cultural e reorganizaram a estrutura familiar, e, a partir daí, tornaram-se protagonistas na história do nascimento das rodas de samba, que antes se camuflavam no meio dos rituais religiosos devido ao processo de marginalização social.

Observamos que a imagem delas – a composição de vestimentas, acessórios, trejeitos e as atividades desempenhadas – apresenta-se como elemento principal dessa figura, enquanto “lugar de memória” (NORA, 1984) do samba, e dos numerosos baianos que vieram para o Rio de Janeiro tentar se inserir em uma sociedade que os descriminava.

Cabem aqui, portanto, relacionar o objeto que estamos trabalhando com alguns conceitos de alguns teóricos, como o de memória subterrânea (POLLAK, 1989), bem como as considerações de Maurice Halbwachs (1997) sobre memória social e memória coletiva, as ques-

¹² Ver: <http://liesa.globo.com/> Acesso em 01 jun 2018.

tões provocativas de Huyssen (2005), e a memória como fundadora da identidade (CANDEAU, 1998), todos sob o olhar de Marialva Barbosa (2007). No nosso entendimento, é fundamental relacionar as ações e significações das “baianas” das escolas de samba com a questão da construção de memória, e conseqüentemente, identidade. A partir dessa relação podemos compreender os vínculos da comunidade negra baiana que povoou as regiões portuária, central e suburbana do Rio de Janeiro a partir do final do século XIX e caminhou pelos percursos da historicidade até as alas das baianas das escolas de samba.

Diante de tempos em que se observa certa “volatilidade do presente” (NORA, 1984), se faz necessário a instituição de elementos materiais, simbólicos ou práticos que exercem a função de monumentos – os lugares de memória. Essa ideia se coloca em contradição a teóricos pós-modernos, que defendem um processo de descentralização, de perda de referência, e da noção de temporalidade, passado, presente e futuro, a que estamos habituados, um sistema no qual se perdem os referenciais de memória. Porém, contrapondo essa corrente, outros autores apontam fatores que ampliam o espaço para o estímulo à memória, como a restauração de espaços físicos, biografias, documentários, constituindo o que é chamado “cultura da memória” (BARBOSA, 2007, p. 39-40). O carnaval, enquanto expressão cultural, por vezes levanta discussões acerca do embate entre a manutenção das tradições e a inovação. Ao passo que despontam carnavalescos mais jovens com soluções mais *high tech* para o aspecto visual dos desfiles, alguns mais antigos bradam que não se pode alterar a alma popular da festa. Entretanto, as baianas, relicário da memória do samba e da própria agremiação, desde seus primórdios, mantém a configuração de seus trajés intacta – na medida do possível.

Ainda de acordo com Marialva Barbosa, para Candéau (1998) a memória “funciona como uma espécie de lugar de nutrição da identidade” (BARBOSA, 2007, p. 41). O autor sustenta que através da memória, é que floresce a identidade coletiva, processo no qual os indivíduos recorrem a elementos como representações, mitos e crenças, o que compõe o registro memorial. Associando ao que Ricoeur exprime por “manutenção de si mesmo através do tempo”, temos a sentença de que não se pode permitir que haja o esquecimento, pois, se a memória constrói identidade, sem a lembrança, aquilo não existe. Contudo, caímos em uma dualidade, pois a memória cria a identidade coletiva, que se configura com identidade no processo em questão. (BARBOSA, 2007, p. 41)

Temos ainda o pensamento de Huyssen (2005), de que “a memória só se torna possível através do esquecimento” (BARBOSA, 2007, p. 43). Barbosa explica que, na visão do autor, existem formas de diferentes de esquecimento, e através de Ricoeur (2000) exemplifica a va-

riedade das formas de esquecimento: a memória impedida (relacionada ao conceito de inconsciente freudiano), a memória manipulada (que diz respeito à memória excluída em uma determinada narrativa), e o esquecimento comandado (institucional).

Porém, serão os conceitos de Halbwachs (1997) que entrelaçaremos à história contextualizada no capítulo 2, da dissolução e reconstrução da memória e identidade dos afro-brasileiros que constituíram a Pequena África no Rio. Barbosa simplifica que o autor propõe em suas obras

o tratamento da memória como fenômeno social, considerando que há uma parte de nossa memória individual construída pela sociedade e há uma parte da sociedade que funciona como memória [...] A memória individual estaria sempre construída em relação ao grupo do qual se faz parte, em relação ao meio social e em relação a todos os que nos cercam. (BARBOSA, 2007, p. 45).

Assim como a linguagem, o tempo e o espaço são considerados por Halbwachs como quadros sociais, sendo estes últimos meios para que diversas memórias coletivas sejam lembradas. Poderíamos, nesse caso, exemplificar a Praça Onze, região batizada informalmente como Pequena África, como um quadro de memória de sua população? População esta que transformou aquele espaço, pertencente a uma cidade que naquele momento empenhava esforços para aproximar-se do modelo europeu de urbanização, em uma “amostra” de seu continente de origem, do qual foram arrancados e tiveram seus laços familiares e culturais forçadamente dissolvidos, apagados de seu cotidiano.

Referimo-nos aqui, a um grupo de indivíduos que, atravessados pela marginalização e pelo esquecimento, se reconfigura em torno da mulher, que representa o centro familiar, financeiro e cultural daquele grupo, que estimula o culto a uma memória que une as reminiscências de seu continente, a uma nova cultura, adaptada a sua realidade. Pollak (1989), também em releitura de Halbwachs, menciona a visão do autor sobre a forma de se instituir a memória coletiva, que, não surge como uma imposição, mas como uma “adesão afetiva ao grupo” (POLLAK, 1989).

Podemos ainda especular se a figura da baiana da escola de samba é também um lugar de memória (NORA, 1984), sob o formato de símbolo, de linguagem imagética. A representação simbólica reproduzindo os trajes, os hábitos, a aproximação com a culinária, e o acolhimento aos demais integrantes das agremiações, bem como o respeito expressado por estes, podem se traduzir como um monumento de memória, uma expressão de lembrança das “tias” que se encarregaram de sua gente.

Neste capítulo refletimos sobre a imagem das baianas do final do século XIX, e as baianas das escolas de samba, assim como suas diferenças e similaridades, e como essa imagem

expressa a memória da história escrita por Tia Ciata, Tia Bebiãna, Tia Perciliana, e várias outras negras baianas. No capítulo a seguir, usaremos como base reflexiva a pesquisa que desenvolvemos, a partir da visita a eventos na escola de samba, nos quais a atuação da ala das baianas teve maior destaque. A partir desse movimento, em que estivemos imersos no movimento das baianas no cotidiano do samba hoje, descreveremos a atuação dessas mulheres no mundo da samba, procurando perceber suas ações como movimentos comunicacionais. Acompanhamos a preparação da ala antes e durante os eventos, além disso, realizamos (diga quantas) entrevistas. A partir dessa conversa que desvenda o significado de ser baiana hoje, acreditamos que poderemos estabelecer vínculos entre a memória declaratória desses personagens contemporâneos que atualizam a própria história do “ser baiana” no tempo.

4. AS BAIANAS DA MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL

Dados os aspectos tradicionais da figura da tia baiana, utilizaremos neste capítulo as observações feitas a partir de imersões no cotidiano da ala das baianas da Mocidade Independente de Padre Miguel. As visitas foram realizadas em dias de eventos nos quais a participação da ala das baianas se destaca: nos dias 8 de outubro de 2017, quando aconteceu uma edição da Feijoada Verde e Branca, e 12 de outubro de 2017, na 34ª edição do Festival do Refrigerante, festa promovida pela agremiação em comemoração ao Dia das Crianças.

Porém, antes de mergulharmos no campo de pesquisa, é interessante conhecer um pouco a história do surgimento da escola de samba em questão, e como foi importante neste processo a atuação daquela que se tornaria a primeira baiana da agremiação.

4.1- A criação e rápida ascensão da Mocidade Independente.

Na década de 1950, o Independente Futebol Clube, time de futebol amador do bairro de Padre Miguel, zona oeste do Rio de Janeiro, comemorava suas vitórias com animadas rodas de samba na localidade conhecida como Ponto Chic, uma espécie de centro comercial estabelecido em uma rua de referência do bairro. Os jogadores – entre eles, muitos operários de uma fábrica têxtil da região – exibiam domínio não só da bola, mas também dos instrumentos de percussão, e assim, se formava um bloco carnavalesco após as partidas. O grupo resolveu então, transformar-se em uma escola de samba¹³.

Em 10 de novembro de 1955, é fundado o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, na casa de Silvio Trindade, o Tio Vivinho, que viria a ser o primeiro presidente da agremiação. No carnaval de 1956, a escola desfilou apenas no bairro. Em 1957, já estava participando dos desfiles oficiais, porém pelo segundo grupo, naquela época, ocorridos na Praça Onze. Em 1958, venceu o campeonato do segundo grupo, ascendendo ao grupo especial, de onde nunca mais saiu¹⁴.

Um dos locais frequentados pelos fundadores da Mocidade, ficava na rua General Jacques Ouriques, número 470. Era o terreiro de Francisca Ferreira dos Santos, conhecida por todos como Tia Chica, a mais famosa mãe-de-santo do bairro de Padre Miguel. A candomblecista foi responsável pelo segmento religioso da agremiação, como relata o jornalista e escritor Fábio Fabato (2008), biógrafo da escola:

¹³ Fonte: Site oficial da escola. Disponível em: <<http://www.mocidadeindependente.com.br/historia/>> Acesso em: 03 jun 2018.

¹⁴ Idem.

nenhum integrante rumava para os ensaios da agremiação, acontecidos, à época, no quintal de Dona Maria do Siri, sem antes passar na Rua General Jacques Ouiriques 470, ali mesmo em Padre Miguel. Neste endereço, localizava-se o terreiro de Tia Chica, líder espiritual do bairro, que contemplava os filhos de santo com as positivas vibrações de seus “passes”, pouco antes de começar o rufar de tambores dos comandados de Mestre André. Este, por exemplo, era ogã (um dos responsáveis pelo som dos atabaques) no espaço, e reza a lenda que a batida do instrumento, um remontan dos antepassados escravos, teria estabelecido os signos identitários da bateria da Mocidade Independente¹⁵. (FABATO, 2008)

Fundado por um grande grupo de homens, o bloco carnavalesco do Independentes Futebol Clube tomou ares de escola de samba devido ao sucesso no bairro, e após as bênçãos pedidas no terreiro de Tia Chica. Mais uma vez, vemos o exemplo da forte sintonia entre a religiosidade afro-brasileira e o nascimento de uma escola de samba¹⁶. Tia Chica foi a primeira baiana da Mocidade, e tornou-se, além de primeira baiana e uma liderança na ala, uma referência na história da agremiação. Sua filha, Tia Bibiana acompanhou os passos da mãe, e atualmente também faz parte da ala das baianas da Mocidade Independente.

4.2 – As baianas em ação

Fomos a campo observar de perto a interação entre a ala das baianas, os demais componentes da escola, e sua comunidade. Aproveitamos o ciclo de intensos eventos na quadra, momento em que ocorria a disputa de sambas-enredo.

As visitas foram marcadas por telefone, diretamente com Tia Nilda, coordenadora da ala das baianas da Mocidade há 27 anos. A baiana se mostrou muito satisfeita e solícita ao telefone, quando expliquei o objetivo da visita, e logo sugeriu as duas festas que aconteceriam na semana seguinte, e nas quais as baianas teriam participação ativa.

4.2.1 – Feijoada Verde e Branca

Naquele domingo, dia 8 de outubro de 2017, a escola aproveitou a feijoada para apresentar os sambas finalistas a um corpo de jurados. O voto deles contribuiria na escolha do samba eleito para embalar o desfile no carnaval de 2018. A feijoada é um evento típico de várias agremiações, e possui um modelo padrão: é realizada na quadra da escola e conta com as apresentações de grupos e cantores de samba, além de sua própria bateria. Normalmente acontece nas tardes de domingo, quando é servida uma feijoada completa.

¹⁵ O texto completo foi publicado na Revista Mocidade Independente edição do ano 2008. Disponível em: <<http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-262.htm>>. Acesso em: 1 jun 2018

¹⁶ Ver: <<http://www.reginameirelles.mus.br/MatDid/MPB/Dos%20Rituais.pdf>>. Acesso em: 4 jun 2018.

Cheguei à quadra da escola no final da manhã, quando já havia barracas de lanches e bebidas montadas na entrada. Na maior delas, um grupo de baianas já estava reunido, conversando e aguardando a chegada de Tia Nilda.

Já dentro do local, as baianas trocam de roupa. O traje é padronizado, assim como as bolsas que elas carregavam com a roupa do evento. Cada bolsa era personalizada com as cores da escola, verde e branco, e seu símbolo, uma estrela, além de conter estampado o nome de cada uma. Antes vestidas de maneira mais simples, com saia longa, camisa da escola, chinelos e um lenço amarrado na cabeça, após a troca de roupa, elas se apresentam trajando um vestido longo, todo em camadas de renda, sandálias baixas e um turbante verde. No pescoço e nos braços, muitos colares de contas, pulseiras e anéis. No banheiro, elas se ajudam a vestir, amarrar, pentear e maquiar. Todas usam maquiagem.

Já caracterizadas, elas rapidamente se dividem entre as mesas que vão servir a feijoada. Organizam as toalhas de mesa, os recipientes, empilham pratos e talheres descartáveis, mantêm a comida – que já está pronta – sempre aquecida. Nas mesas, localizadas no segundo andar, onde ficam os camarotes, e no primeiro andar, próxima aos bares, grandes cubas de inox comportam a feijoada. Nas outras panelas estão a couve, a farofa, o torresmo, e a laranja. Conforme o público vai chegando, Tia Nilda é cada vez mais solicitada. A princípio, a baiana orienta a ala quanto a organização da comida e a divisão de tarefas. Depois, cada membro da escola que chega, assim como torcedores, faz questão de cumprimentá-la. É muito comum que o cumprimento venha na forma de um pedido de benção. De forma respeitosa, as pessoas se inclinam e beijam a mão de Tia Nilda, que carinhosamente, “abençoa” a todos.

Caminhando com dificuldade, Tia Nilda segue em direção às escadas que dão acesso ao segundo andar. Sobe lentamente, mas dispensa ajuda dos funcionários. O carnaval de 2018 seria o primeiro que Tia Nilda não poderia desfilar a frente de suas baianas. Devido às dores na coluna, foi destinado a ela um lugar especial no desfile: o último carro alegórico, onde era retratado o famoso terreiro de Mãe Menininha do Gantois¹⁷. A coordenadora das baianas desfilou sentada, representando a mãe-de-santo do terreiro.

Tia Nilda fez questão de apresentar nosso trabalho a diversos integrantes da escola. Ainda que o objeto de pesquisa fossem as baianas, ela pedia a todos que conversassem conosco, que falassem de sua função na escola, e que participassem das fotos. Neste dia, foi mais

¹⁷ Famosa mãe-de-santo, líder do terreiro Ilé Ìyá Omi Àse Ìyámasé, localizado em Salvador (BA), no bairro do Gantois. Ver: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/m%C3%A3e-menininha>>. Acesso em 5 jun 2018.

difícil conseguir conversar com as baianas. O som alto do grupo de samba e o público que constantemente pedia fotos com as baianas eram mais intensos naquele evento.

4.2.2 – Festival do Refrigerante

Conforme já havíamos combinado por telefone, Tia Nilda conversaria comigo sobre sua história na escola e sobre o ofício de baiana. Além disso, escolheria mais duas baianas que pudessem fazer o mesmo. Concordamos que este evento seria mais apropriado para que eu conseguisse as entrevistas.

O Festival do Refrigerante é um evento organizado pela Mocidade Independente desde 1983, sempre no dia 12 de outubro, em comemoração ao Dia das Crianças. Para a festa, a escola pede à sua comunidade e frequentadores a doação de refrigerantes, que serão servidos gratuitamente às crianças que comparecem à quadra no dia da festa. Também são oferecidos lanches e guloseimas, como pipoca, algodão-doce, bata frita e cachorro-quente, este, preparado pelas baianas. Além disso, são sorteados brinquedos e bicicletas entre as crianças. Dos lanches ofertados, a maioria era industrializada, e foram distribuídos em carrocinhas espalhadas pela quadra. Já o cachorro-quente, foi totalmente preparado pelas baianas.

Quando cheguei na quadra, no final da manhã, elas já estavam reunidas em uma área restrita do local, cada uma em uma função. Em grandes panelas, algumas baianas refogavam o molho e cozinhavam as salsichas. Outras cortavam os pães, outras os embalavam em saquinhos plásticos... Elas dividiram o trabalho em várias fases, nas quais cada uma era cuidada por um pequeno grupo de baianas. Tia Nilda já estava lá, e quando cheguei, prontamente me apresentou de maneira “oficial” ao grupo, além de explicar o que me levava até ali. Elas sorriram, algumas se mostrando um pouco tímidas, porém altamente receptivas a minha presença. Ao informá-las que faria algumas fotos e vídeos, muitas se preocuparam com sua aparência. “Hoje só passei um batonzinho...”, “Puxa, estou suada!”, foram algumas das exclamações que ouvi. Expliquei que não precisavam se preocupar, pois gostaria de captá-las atuando na escola de samba, em atividades nas quais elas são protagonistas.

Neste momento, aproveitei para complementar o conteúdo da entrevista que fiz, com certa dificuldade, com Tia Nilda, no domingo anterior, durante a feijoada, e para conversar com as outras baianas. Conforme solicitei, Tia Nilda escolheu no grupo, uma baiana mais antiga, e outra mais recente na ala. A primeira, Tia Edméia, abriu um enorme sorriso quando foi chamada por sua coordenadora. Afastamo-nos um pouco do grupo, muito falante e animado, para conversar melhor. Mais tarde, durante a festa, Tia Nilda me apresentou Tia Eliane,

minha próxima entrevistada. Muito tímida, a baiana parecia não saber o que poderia me falar, mas aceitou prontamente ceder a entrevista.

4.3 – Ser baiana: comportamento e imagem

Nilda da Silva tem 76 anos de idade, dos quais, 39 são dedicados à Mocidade Independente. Entrou na escola em 1979, já como baiana, e desde então, nunca deixou de desfilar. Sua relação com a escola começou de maneira indireta. Ela já tinha alguma afinidade com a folia, frequentava rodas de samba, mas foi quando uma de suas filhas pediu que a acompanhasse em um ensaio, Tia Nilda se encantou, e ali começou o desejo de se tornar baiana. Através de Mestre Jorjão¹⁸, na época, diretor de bateria, ela conseguiu desfilar.

Quando perguntada sobre como ela se tornou líder da ala, Tia Nilda fala com muito orgulho: “quem me botou como coordenadora foi a primeira baiana, que foi uma das fundadoras da escola, a Tia Chica”. Tia Nilda vê a participação de Tia Chica como influenciadora na criação da escola. Para ela, os cuidados com o lado religioso, e as bênçãos, também fizeram de Tia Chica, além de primeira baiana, uma das fundadoras da Mocidade.

Quanto às suas incumbências como baiana da escola, Tia Nilda se atém à liderança exercida no grupo, com uma visão de que exerce o simples papel de organizadora. Porém, a dificuldade encontrada em gravar falas contínuas da coordenadora das baianas, já é sinal de que o seu papel na escola não é tão limitado. Pessoas de diversos segmentos da escola, como a rainha de bateria, diretores de harmonia, o assessor de imprensa, membros da velha guarda, além de torcedores e jornalistas que cobriam o evento, faziam questão de parar e cumprimentar a baiana. Outras vezes, era a própria quem chamava algum componente, que rapidamente ia atendê-la.

Para ela, a relação com seu grupo prevalece em relação ao que sua figura representa para a agremiação:

a minha atribuição aqui é coordenar a ala, é ensaiar elas, entende, ver as vestimentas, organizar o grupo... por exemplo, teve uma grande festa nossa, que contou a presença de todas as escolas de samba, que foi a festa da ala das baianas, que a gente realiza todo ano, é uma festa muito importante para reunir as baianas, é um intercâmbio entre as baianas das escolas¹⁹. (TIA NILDA, 2017)

¹⁸ Ex mestre de bateria, e baluarte da escola.

¹⁹ Entrevista cedida à autora. Rio de Janeiro, 8 de outubro de 2017.

Perguntei sobre os diversos trajes com os quais a ala se apresenta em eventos dentro e fora da escola, se era ela quem determinava o feitio, as cores, e ela foi enfática ao afirmar que faz as sugestões, mas as escolhas passam pela aprovação de toda a ala:

tem a costureira Ester, e a outra costureira, que é a Verinha, aí a gente bota em votação. A Ester vai na cidade, vê o pano, aí eu boto tudo na mesa, aí elas escolhem. Aí eu falo ‘olha, vamos fazer tal modelo, assim, assim e assim. O que vocês acham?’ E elas ‘não, tá bonito’. Entendeu? Então é tudo de comum acordo, não tem nada... assim, porque eu também não posso ser autoridade, por mais que eu seja líder da ala, eu não posso só fazer o que eu quero, né... tem que ter o aval delas também, se gostaram ou se não gostaram. (TIA NILDA, 2017)

Tia Bibiana seguiu os passos da mãe, Tia Chica, a mãe-de-santo que foi a primeira baiana da escola, conforme mostramos no início do capítulo, e hoje faz parte do grupo liderado por Tia Nilda. Em entrevista ao jornalista Fábio Fabato (2007), Tia Bibiana exalta os laços criados com a baiana que sua mãe elegeu para presidir a ala:

Nós temos mais do que uma presidente. Temos uma amiga, uma mãe, que começou como uma simples componente da ala, e que hoje é a principal responsável pelo nosso sucesso na avenida. O prêmio Estandarte de Ouro, que ganhamos em 2006, não me deixa mentir²⁰ (TIA BIBIANA apud FABATO 2007)

A boa relação de companheirismo e cooperação entre as baianas fica muito evidente nas falas de Tia Edméia (2017). É possível estabelecer conexões com as relações de afeto e colaboração criadas entre as mulheres que analisamos no capítulo dois. O prazer em desfilar e participar do carnaval se cruza com o bem estar proporcionado por estar envolvida com o grupo, como podemos perceber a partir de sua fala:

A Tia Nilda é uma pessoa muito boa, uma pessoa muito compreensiva, eu não tenho nada do que reclamar da Tia Nilda até hoje. Ela sempre foi minha amiga, sempre foi uma pessoa muito amiga, minha e da minha família dentro de casa. Ela está sempre telefonando e falando ‘Tia Meméia...’ - porque ela me chama de Meméia - ‘Tia Meméia, o que está faltando, o que a senhora está sentindo?... quando estive doente ela me deu muita atenção, embora não indo na minha casa, mas sempre telefonando, sempre perguntando se eu precisava de alguma coisa, se eu estava bem²¹. (TIA EDMÉIA, 2017)

Edméia Fonseca dos Santos tem 82 anos de idade, sendo 25 dedicados a desfilar como baiana pela Mocidade. Ela relata, com muita satisfação, seu cotidiano e como a atividade – é como ela classifica sua função de baiana – a favorece, em relação à saúde mental e física.

²⁰Entrevista cedida à Revista Mocidade Independente, edição de 2007. Disponível em: <<https://academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-264.htm>> . Acesso em 5 jun 2018.

²¹Entrevista cedida à autora. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 2017.

para mim é uma atividade... porque você quando sai, quando acaba de desfilar, você vira outra pessoa, embora um pouco cansada né, mas você parece que é outra pessoa, de viver no meio das colegas, entendeu, então eu me sinto muito bem... até tenho alguns probleminhas nas pernas, mas nem isso eu sinto... a vontade de desfilar é tanta, que nem isso eu sinto [...] aqui todo mundo ri, todo mundo brinca, uma chega e conversa sobre os casos da vida dela, então nós nos sentimos bem aqui... aqui eu me sinto melhor até do que na minha casa. ²² (TIA EDMÉIA, 2017)

A baiana nos conta que é tratada por todos na escola como Tia ou ainda como Madrinha, no caso das demais baianas. Ela acredita que o tratamento carinho seja por conta de sua idade, mais avançada em relação à maioria da ala, e por seu bom humor:

eu tenho um humor muito bom com as minhas colegas, sabe, eu nunca briguei com ninguém, nunca desfiz de ninguém, então esse humor parece que traz aquela... todo mundo me beija, todo mundo me abraça, não tem uma baiana que chegue e não fale 'Oi tia Edméia, oh minha madrinha!', entendeu, aí quero dizer, aqui eu vivo muito bem, e me dou muito bem com a Tia Nilda. (TIA EDMÉIA, 2017)

No caso de Tia Edméia, a função de baiana está mais ligada ao desfile. Ela justifica sua inconstância nas demais atividades realizadas na quadra:

A nossa principal atividade hoje é o desfile. O desfile a gente não pode faltar, a não ser que entre em contato com a Tia Nilda e explique o motivo, aí ela dispensa a gente [...] então a nossa principal atividade é o desfile. Eu quase não venho aqui na quadra, porque eu trabalho, então às vezes não tenho tempo, ou não tenho com quem vir. Então eu tenho medo de sair daqui de madrugada, sozinha, então depende de alguém que venha comigo. Quando é assim, durante o dia, não tenho problema, mas quando acaba de madrugada, aí eu fico com medo de vir. (TIA EDMÉIA, 2017)

A baiana também falou sobre os trajes e a aparência. Ela explicou que as roupas usadas em eventos especiais, como foi o caso da feijoada, é pré idealizada por Tia Nilda, com aprovação da ala, e que cada uma paga por suas roupa e é responsável pela escolha de seus acessórios. Segundo ela, quando uma baiana não pode pagar pela roupa da ocasião, ela participa do evento do mesmo jeito, normalmente vestindo os trajes mais simples nas cores da escola. Sobre a aparência da baiana, Tia Edméia indicou a necessidade de manter o tradicional, assim, como pede Tia Nilda:

ela gosta de ver a baiana sempre bem arrumada, maquiada, ela gosta que agente coloque bastante enfeite pelo pescoço, nos braços, nas mãos... ela gosta de ver as baianas arrumadas, ela tem satisfação de ver a gente arrumada. [...] e eu adoro me ver assim! A minha roupa eu boto na goma, estico ela no ferro, trago no cabide... eu adoro, adoro. *Eu acho que nós temos que apresentar ao público*, né, não adianta vir para cá com a roupa toda amarrotada, com a roupa encardida, não

²² Entrevista cedida à autora. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 2017.

adianta, *nós temos que ter capricho com nós mesmos e com a Mocidade!* (TIA NILDA, 2017, grifos nossos).

O mesmo discurso, um tanto orgulhoso de seu ofício, foi o que ouvi de Tia Eliane. Tia Nilda me apresentou a baiana como uma das mais recentes na ala. Mesmo fazendo parte do grupo há pouco tempo, ela nos passou um pouco do sentimento de se ver na imagem de baiana.

Nós somos muito vaidosas, então a gente gosta de estar com um batom... com uma maquiagem mais... né, já hoje estou suada, estou desde a manhã trabalhando. Mas nós somos assim... nos sentimos umas princesas. Ainda mais quando a gente coloca o abadá, que são as roupas que a gente tem - essa aqui é a simples - nós nos sentimos lindas, umas rainhas. Mas sentimos uma coisa que só a gente mesmo que... não dá nem para explicar. Só sei que é uma coisa muito satisfatória e muito gostosa de sentir, aqui a gente faz por amor mesmo. A gente ama ser baiana... ama ser baiana. Aí tem muitas pessoas que falam assim 'Ah, Eliane, como é que você aguenta?', aí eu falo 'Gente, a primeira coisa é: você tem que gostar. Tem que gostar, e muito. Depois que você passa a gostar, a entender e a respeitar a ala, tudo depois é... é festa'. Pra mim, a baiana representa a raiz da escola. Por que uma escola de samba sem baiana, não é uma escola de samba. Tem que ter esse segmento, das baianas. Senão perde a graça²³ (TIA ELIANE, 2017)

Eliane Alves de Oliveira, 59 anos de idade, já desfilava pela Mocidade desde 1982, seu marido, conhecido como Jaci Campo Grande, é compositor de sambas-enredo da escola, mas passou a integrar a ala das baianas apenas em 2015. A forma como ingressou no grupo foi inusitada, mas é motivo de orgulho para a baiana:

Eu vim para entregar um recado para uma das baianas, aí entrei no camarim que elas estavam reunidas, porque havia uma reunião das baianas com a Tia Nilda, então eu entrei para falar com essa pessoa, e na hora que eu estava saindo, eu dei de cara com a Tia Nilda. Aí ela me fez voltar... ela fez sinal para eu voltar umas três vezes. Eu fiquei sem entender né, porque eu não era baiana... não pertencia à ala das baianas, aí houve a reunião, eu participei da reunião... nisso eu levantei, pedi desculpas, e já estava saindo, ela me fez voltar mais uma vez, perguntou meu nome, aí ela falou para as baianas, acho que deveria ter umas quarenta baianas lá, 'a nova integrante da ala das baianas é a esposa do Jaci Campo Grande, um dos baluartes da escola'. Aí aquilo ali para mim... eu chorei muito, porque eu não sabia que seria convidada para a ala! Chorei tanto, mas de emoção, de felicidade, para mim foi o maior presente que já ganhei na minha vida. (TIA ELIANE, 2017)

Após terminar o relato de como foi convidada a integrar a ala, percebi que Tia Eliane tentava, sem sucesso, disfarçar o choro. Perguntei o que a emocionava e, sorrindo, ela disse que se sentia privilegiada pela forma como se tornou baiana da Mocidade. Esperei que se acalmasse para retomarmos a entrevista.

²³ Entrevista cedida à autora. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 2017.

Para se tornar uma baiana, e ingressar na ala da Mocidade, não basta apenas admirar as mulheres mais respeitadas na agremiação. No caso da Mocidade, Tia Nilda mantém certo rigor quanto à escolha das componentes para a ala. Além das exigências unânimes, como o cuidado com a aparência, boa apresentação e o carisma, Tia Nilda afirma ter preferência por manter a tradição da idade das baianas. “Prefiro escolher mulheres a partir de uns 45 anos, 50... garotinha de 18 anos não dá não”²⁴. (TIA NILDA, 2017)

Tia Edméia explica melhor as justificativas para as exigências em relação a idade para se tornar baiana.

ela realmente não gosta de meninas muito novinhas na ala, não tem muito a ver e não tem muita responsabilidade também né, porque o nosso desfile é uma responsabilidade. Você não pode deixar buraco quando está desfilando, você não pode ficar parada no lugar, sem se mover, sem dançar, entendeu, isso tudo a gente perde ponto, então a gente tem que ter aquela responsabilidade, de dançar, de evitar deixar buraco, de cantar... e a gente tem que cantar mesmo, que é para não... haver problema né, com a nossa ala [...] tem que evoluir, tem que rodar, tem que rodar na hora certa tem que ser todo mundo ao mesmo tempo.²⁵ (TIA EDMÉIA, 2017)

Ficou evidente que na liderança de Tia Nilda na ala das baianas da Mocidade, prevalece a valorização da tradição. Diversas foram as vezes que vi e ouvi as baianas se preocuparem com sua aparência, retocando o batom, se olhando em espelinhos, secando com toalhinhas bordadas o suor da manhã inteira de trabalho na preparação dos sanduiches para as crianças, ajeitando o cabelo e a amarração do lenço na cabeça. As três entrevistadas mencionaram a imagem da baiana como parte do ser baiana. Além disso, a boa apresentação, e a obrigação de seguir as vestimentas típicas, mesmo as mais simples. Da mesma forma, como acabamos de ver, a idade é importante para manter as características da baiana: a matriarca que tudo provê. A mulher responsável que cuida da comida, das festas, que abençoa, que carrega a história daquele lugar e daquela gente, e que é respeitada por todos. O samba, desde seu surgimento, passou por vários processos de transformação, mas os aspectos que remontam às suas raízes parecem ser cuidadosamente preservados por alguns de seus representantes. Como é o caso de Tia Nilda. As palavras de Tia Eliane não nos deixa dúvidas.

Sempre a admirei, sempre achei ela uma guerreira. A Tia Nilda, ela faz de tudo para preservar essas raízes. Porque se não preservar... eu acho que perde sua graça. Ela faz de tudo para preservar o que era quando começou. Está diferente muita coisa? Está. Mas ainda continuamos naquelas raízes [...]Ser baiana de uma escola de samba grande como a Mocidade, não é questão só de querer. Você tem que saber ser baiana, você tem que demonstrar que você

²⁴ Entrevista cedida à autora. Rio de Janeiro, 8 de outubro de 2017.

²⁵ Entrevista cedida à autora. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 2017.

sabe ser baiana. [...] Ser baiana é postura, é você saber se mostrar desfilando, rodando, é a apresentação. É muita coisa junta [...] Carisma, elegância, humildade, respeito... entre elas e com os outros.²⁶ (TIA ELIANE, 2017)

Além de ouvir as histórias das baianas, tive a oportunidade de conversar com outros componentes da Mocidade. Aproveitei para introduzir a todos a questão da imagem da baiana, e seu simbolismo para a escola. Foi unânime a admiração, o respeito e o carinho que todos mostraram por Tia Nilda, e pelo significado de suas baianas. Foi mencionada a imagem de matriarca, o lado religioso, e a preservação da história da Mocidade. Este último item, foi trazido por Maria das Graças, atual vice-presidente do Departamento Comunitário da escola, que já desempenhou diversas funções ao longo dos últimos 29 anos, de forma ininterrupta. Tia Graça, como é chamada por Tia Nilda, passou a fazer parte da escola na mesma época que a líder das baianas. Ela afirma que Tia Nilda, é hoje uma referência no mundo do samba, e que a ala de baianas da Mocidade é a única em que uma baiana exerce tamanha liderança no grupo. Ela reforçou aspectos já vistos nas entrevistas, como o respeito mútuo, a organização, a união e o diálogo entre o grupo.

Com a mesma admiração, Leandro da Silva, coordenador do grupo “Loucos de Paixão²⁷”, me contou sua história na Mocidade, e os primeiros contatos com Tia Nilda, por quem afirma nutrir um carinho imenso. Leandro resolveu ir pessoalmente convidar a baiana para uma festa em comemoração ao aniversário do grupo. Apesar do receio de seus companheiros sobre a reação de Tia Nilda, ele acreditou na imagem, ainda distante, que tinha dela, e resolveu ir até sua casa. Lá, ele foi muito bem recebido, assim como em todas as outras oportunidades que teve de encontra-la, segundo suas declarações. Leandro falou ainda sobre sua visão das baianas, de grandes matriarcas do samba, respeitadas por todos e símbolos das raízes do samba.

Eu, mesmo na condição de observadora, fui rapidamente acolhida por Tia Nilda e suas baianas. No nosso primeiro encontro, ela fez questão de preparar um prato de feijoada para que eu provasse. Providenciou uma mesa e uma cadeira e, enquanto eu comia, me apresentou a vários membros da escola. No segundo encontro, logo quando terminei a entrevista com Tia Edméia (antes de iniciar o evento), um funcionário foi até o local onde as baianas reuniram-se para preparar o cachorro-quente, e anunciou que o almoço delas estava pronto, e logo seria servido. Tia Nilda dirigiu-se a mim, e com uma preocupação maternal, perguntou se eu não

²⁶ Entrevista cedida à autora. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 2017.

²⁷ Grupo criado para o carnaval de 2014 com o objetivo de formar um mutirão para ajudar a escola a superar as grandes dificuldades financeiras e organizacionais enfrentadas naquele ano que, por pouco, não impediu que a escola desfilasse.

gostaria de me juntar a elas para almoçar, já que eu estava ali há algumas horas, sem comer. Agradei a atenção, e respondi que não precisava se preocupar, pois ainda não estava com fome, e que comeria algo quando acabassem as entrevistas. Tia Nilda não se convenceu, e me chamou para ir até a mesa onde estava sentada. Abriu sua bolsa, tirou uma banana e uma maçã, e disse para eu comer pelo menos uma das duas. Diante de tamanho cuidado e carinho, não pude recusar. Aceitei a maçã, e dei continuidade às entrevistas. Sequer tive tempo de sentir fome: fui contemplada com os primeiros cachorros-quentes a serem servidos. Em seguida, já iniciada a festa das crianças, algumas tias baianas me ofereceram batata-frita, pipoca, refrigerante, tudo servido na festa, e que elas iam pessoalmente às barraquinhas buscar.

Ao fim deste segundo dia de observação e entrevistas, fui embora da quadra da Mocidade Independente de Padre Miguel satisfeita não só com o material que consegui para minha monografia, mas também por poder provar novamente da sensação de estar sob os cuidados de uma matriarca amorosa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um apanhado histórico que destacou a corrente migratória de escravos libertos e seus descendentes da Bahia para o Rio de Janeiro, que trouxeram consigo sua cultura descentralizada pela diáspora, analisamos a figura das tias baianas, que dominaram a região da Praça Onze em um movimento de retomada da dignidade do seu povo, através do trabalho, para subsistência, e dos cultos religiosos, como expressão cultural e identitária do grupo. Vimos nessa figura potencial para uma narrativa do samba, visto que estas mulheres proporcionaram, sob a proteção de sua sabedoria e respeito, inclusive pelas camadas mais altas da sociedade, o nascimento do samba, não apenas como gênero musical, mas como forma de manifestação da memória e identidade de seu povo.

Com a composição da imagem da tia baiana, foi possível identificar nas baianas das escolas de samba, tal como conhecemos hoje, aproximações com as características que marcaram aquelas mulheres que viveram no final do século XIX. Vimos, através das entrevistas, que as similaridades são propositalmente preservadas, como uma espécie de culto à memória de mulheres que foram vitais para que aquela escola de samba, assim como todas as outras, existisse. Quando se celebra o samba, seja num terreiro, seja numa quadra de escola de escola de samba, se celebra também a vida que levou Tia Ciata e suas conterrâneas. Celebra-se a história de cada mulher que, cozinhando, cuidando, cantando, ou abençoando, foi peça fundamental no surgimento de uma escola de samba.

Também pudemos perceber como o lugar onde viveram as tias baianas, a região central e o subúrbio, mas principalmente a Praça Onze, tornaram-se, pelas mãos daquela gente, um lugar de memória. No termo criado por Heitor dos Prazeres, “Pequena África”, para designar a região da Praça Onze, que ficou marcada como principal localidade do grupo de baianos, fica evidente que houve uma ocupação, uma tomada de espaço, por um povo que já sofria um apagamento social e moral que teve sua identidade desmontada, e sua cultura demonizada. Vimos uma narrativa de reconfiguração da expressão cultural popular, que misturou a música, a dança, e a religião. Tudo isso, feito pelas mãos de mulheres que se revelaram líderes dentro do grupo.

Observamos que o rigor das baianas de escola de samba, na hora de manter as tradições das vestimentas e do comportamento, simboliza a preservação de uma memória (as raízes do samba) e de uma identidade (as tias baianas), que estão intensamente conectadas. O “ser baiana”, aquilo que caracteriza a baiana, e a faz ser aceita pelo grupo, constitui-se, basicamente, da reprodução dos aspectos da imagem da tia baiana “de raiz”. A maneira como ela se apre-

senta ao público, o respeito aos trajes típicos e o cuidado com sua aparência impecável, para elas, é tão importante quanto o rodopiar sincronizado, movimento que determina uma boa harmonia e evolução, quesitos nos quais a baiana está incluída.

Importante também lembrar que manter a tradição da ala das baianas, não é uma iniciativa esporádica, ou de apenas uma escola. Como vimos no capítulo 3, consta no regulamento da Liesa a obrigatoriedade por parte de todas as escolas em desfilarem com a ala contendo um mínimo de 70 baianas agrupadas, sob penalização em caso de descumprimento. Portanto, percebemos uma iniciativa por parte do carnaval do Rio, enquanto manifestação cultural popular, de guardar a memória de suas matriarcas.

A experiência de frequentar as festas das tias baianas contemporâneas mostrou, por outro lado, como através da reconfiguração do corpo – com seus adereços específicos, ornamentos, maquiagens para transformá-lo em centro da tradição de uma dança em manejos específicos – essas mulheres, individualmente, mas, sobretudo em grupo, executam um diálogo comunicacional no qual memória e tradição se reconfiguram em expressões corporais que trazem simultaneamente um tempo imemorial e momentos mais contemporâneos.

Pelas narrativas dos corpos das baianas, observamos igualmente a construção de um diálogo mais amplo do grupo com as escolas que se configura no lugar de afirmação de uma longa tradição que, mesmo atualizada, mantém traços de um passado imemorial.

Assim, como estratégia de contar a vida particular do grupo – as baianas – através de ações que ultrapassam o desfile anual das escolas, essas mulheres, em grupo, desenvolvem uma narrativa comunicacional que faz das tradições o ponto inflexivo de um diálogo que atravessa décadas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. A FORÇA FEMININA DO SAMBA. Rio de Janeiro: Centro Cultural Cartola, 2007. Idealização: Nilcemar Nogueira e Helena Theodoro. Coordenação e Edição: Nilcemar Nogueira, José de La Peña Neto e Gisele Macedo. Realização: Centro Cultural Cartola, 2007. p. 24-27.
2. BARBOSA, Marialva Carlos. Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória. Niterói. Ed. UFF. 2007.
3. BRAZ, Marcelo et al. Samba, cultura e sociedade. (Coleção arte e Sociedade). 1ª ed. São Paulo. Ed. Expressão Popular. 2013.
4. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile. (Col. História, Cultura e Ideias, v. 6). 4ª ed. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ. 2008.
5. DOSSIÊ DAS MATRIZES DO SAMBA NO RIO DE JANEIRO: partido-alto, samba de terreiro, samba enredo. Rio de Janeiro: Centro Cultural Cartola, 2006. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio_Imaterial/Dossie_Patrimonio_Imaterial/Dossie_Samba_RJ.pdf>. p. 81.
6. GOMES, R. C. S. “Pelo telefone mandaram avisar que se questione...”. Per Musi, Belo Horizonte, n. 28, 2013, p. 176-191.
7. LEOPOLDI, José Sávio. Escola de samba, ritual e sociedade. (Col. História, Cultura e Ideias, v. 10). Rio de Janeiro. Ed. UFRJ. 2010.
8. LIESA. Regulamento específico dos desfiles das escolas de samba do grupo especial da Liesa. Rio de Janeiro. 2017.
9. MOURA, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2ª Ed. Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.
10. NETO, Lira. Uma história do samba: volume I (as origens). 1ª ed. São Paulo. Ed. Companhia das Letras. 2017.
11. POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos. São Paulo, vol. 2, n. 3. P. 3-15. 1989.
12. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. In: Revista Contracampo, v. 32, n. 2, ed. abril-julho ano 2015. Niterói: Contracampo, 2015. Págs: 73-90.

13. TORRES, Heloísa Alberto. *Alguns aspectos da indumentária crioula baiana*. In: Cad. Pagu July/Dec 2004, n.23, p.413-467. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200015
14. VELLOSO, Mônica Pimenta. As Tias Baianas Tomam Conta do Pedaco: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 1990, p.207-228.
15. WERNECK, Jurema Pinto. *O Samba Segundo as Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007.

ANEXO I

Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata.



Foto: Divulgação do Acervo da Organização Cultural Remanescentes de Tia Ciata - ORCT

O traje típico da negra baiana



Foto: Divulgação

Colares, pulseiras e balangadãs (penca) tradicionalmente usados pelas tias baianas.



Itens em exposição na mostra “O Rio do Samba - resistência e reinvenção”, do Museu de Arte do Rio. Foto: Lílian Durães (11/05/2018)

Baiana da Mocidade Independente de Padre Miguel se apresentando na quadra da escola



Foto: Lílian Durães (01/10/2017)

Baianas da Mocidade dançam para o público na quadra.



Foto: Lílian Durães (01/10/2017)

Ala das baianas da Mocidade se prepara para mais uma edição da Feijoada Verde e Branca.



Foto: Lílian Durães (08/10/2017)

Ala das Baianas serve feijoada ao público.



Foto por: Lílian Durães (08/10/2017)

Tia Nilda, coordenadora da Ala das Baianas da Mocidade Independente.

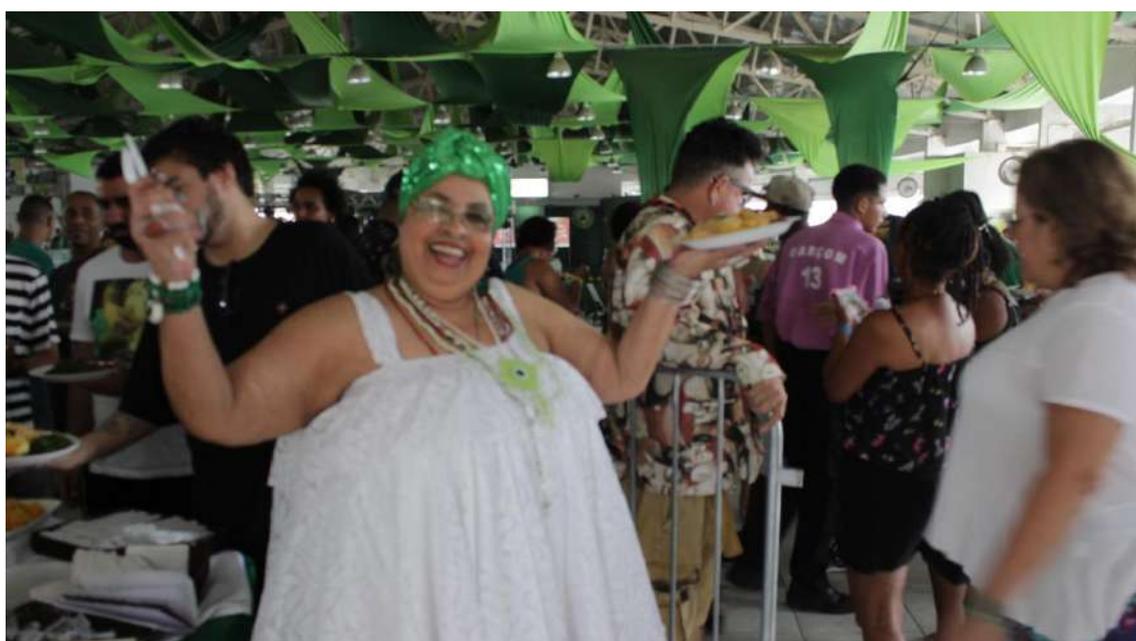


Foto: Lílian Durães (08/10/2017)

O carnavalesco e pesquisador Milton Cunha foi recebido carinhosamente por Tia Nilda e suas baianas.



Foto: Lílian Durães (08/10/2017)

Ala das baianas da Mocidade reunida para preparar lanches para o Festival do Refrigerante.



Foto: Lílian Durães (12/10/2017)

Com trajés mais simples, elas se dividem entre as tarefas.



Foto: Lílian Durães (12/10/2017)

Crianças formam fila para receber o lanche preparado e oferecido pelas baianas.



Foto: Lílian Durães (12/10/2017)